

“Eles combinaram de nos matar,  
mas nós combinamos de não morrer”.

Conceição Evaristo



## **V A D I O S**

violências a que são submetidos indivíduos violentos







## de flor em flor

Agradeço ao professor que me ensinou, no ensino médio, que favela era nome de flor. Eu nunca mais fui a mesma. Desde então, de favelado em favelado, enxerguei jardins regados a sangue.

São flores como Brenda, Paola e Rafael, as três personagens desse livro, a quem agradeço apenas por serem. Seus corpos políticos ecoam sobrevivência e se alimentam de cada violência sofrida por força ou privação, às vezes convertida em ódio. São flores que vivem pelas pétalas que lhes foram arrancadas.

Assim como cada amigo que encontrei nas paredes de tijolos brancos e bastardos dessa instituição. Levo comigo aqueles que sofreram ações do vento, tiveram pétalas arrancadas, foram molhados pelas lágrimas da chuva. E, ainda assim, deixaram seu cheiro ser sentido.

É nessas pessoas que habita minha força, minha dignidade e minha honra. Bem como nas figuras materna e fraterna em quem deposito toda minha história e a graça de ser quem tenho me tornado, dia após dia.

Muito além do agradecimento, admiração pelo homem branco, hétero, cisgênero e acadêmico que me acolheu e confiou em mim durante a maior empreitada da minha vida.

Não exitou em acolher as pétalas de Brenda, Paola e Rafael, que caíam ao chão. As segurou em suas mãos e viu nelas beleza antes de serem jogadas ao vento, mesmo com o jornalismo tradicional chovendo sobre nossas cabeças.

Ainda com tantas flores nesse jardim, sinto de longe o cheiro daquelas que habitam túmulos dos jovens pretos e periféricos que perdi nas chacinas. A cada um deles, minhas lágrimas.

Eu permaneço aqui por vocês, vadios. Pelos que foram e pelos que ficaram.





## vadios. jamais, vazios

Três indivíduos socialmente violentos e socialmente vulneráveis, que fazem parte do mesmo ciclo de violações. Por força e privação, tiveram suas histórias escritas sobre sangue. Apesar de perderem muito, não perderam o medo da sirene na rua escura, nem a coragem de se submeter à sobrevivência.

Ninguém faz o que quer porque quer fazer. Vadios é sensível a corpos políticos complexos: busca ouvir quem o jornalismo tradicional sequer enxerga e quem o jornalismo sensacionalista transforma em inimigo. Vadios imprime ternura sobre contos gravados no colo de Brenda, no desvario de Paola e na saudade de Rafael, porque não acredita em bem ou mal. Acredita em vidas.

Em meio às violências, os protagonistas encontram respiro na arte, às vezes sem acreditar naquilo que fazem como manifestação cultural. As palavras que aqui formam poesias são intervenções escritas pelas mãos vadias de quem jamais poderá ser dito vazio.

São gente cheia de dor, mas também cheia de amor.



Batalha 13  
Inútil 19  
Droga 33  
Sangue 45  
Quarta 57  
Prisão 69  
Dor 79  
Recomeço 87



O chão atravessado pelas raízes fazia tropeçar gente de todos os extremos onde a chacina lava o asfalto com sangue. Sobre o solo torto, os bancos de cimento abrigavam mais as garrafas vazias do que as pessoas cheias. O alto das velhas árvores protegia as cabeças que a vida queria degolar.

Olhos queimavam como a ponta do cigarro segurado entre os dedos de quem queria brigar. Bocas espumavam como o litrão que os corpos apoiavam no chão desnivelado antes de erguer os braços. Mãos inquietas se movimentavam exageradamente dizendo tudo aquilo que o mundo não queria ouvir.

No lugar onde a esperança é a morte, os vadios fizeram da morte poesia que só se declama em vida. Se mantiveram firmes mesmo sobre o chão torto daquela praça menosprezada pelo poder.

Quando o céu escurecia na sexta-feira, a vida à margem se fazia soberana e invadia o centro. Vinha nada tímida. Calças largas cobriam pernas marcadas pelos tombos e pelos tapas. No bolso, muito mais que o cigarro, a maconha ou a cocaína: história - bem diferente daquela ensinada nas escolas que boa parte dos vadios nem frequentou.

Sob a luz da lua, não tinha terra de índio, não tinha preto livre, não tinha fim da censura, não tinha mulher respeitada, não tinha criança segura. Se agora suas cabeças estavam protegidas pelas árvores do centro, mais tarde uma bala podia sair de um carro cinza e atravessá-las na periferia.

Talvez por isso vivessem aquele momento como se fosse o último. Davam seu sangue depois de o terem arrancado desde o primeiro dia: para quem está à margem, o nascimento é a primeira violência. Todo aquele brado sangrando significava nascer de novo.

Na guerra sobre o chão torto, pessoas de moral torta se reuniam logo cedo. Uns iam direto do serviço, outros nem serviço tinham. Com o cair da noite, de longe se avistava pessoas com destino à batalha, caminhando pelo calçadão onde ratos e andarilhos sangram juntos.

Se faziam fortes. Davam passos largos e firmes em direção à praça rodeada por bares, incluindo um frequentado por ne nazistas. Dentre eles, um homem branco, careca, tatuado, com codinome de pássaro que bica o tronco das árvores e que vez ou outra ameaçava e seguia famílias envolvidas com movimentos sociais, incluindo mulheres e suas filhas de doze anos.

No percurso, os vadios atravessavam o calçadão cujas lojas fechavam a essa hora, munidos de roupas largas, pochetes, cabelos armados, tatuagens e piercings. Dependendo da hora, alguns aproveitavam para pixar - aqui o pixo se escreve com x. Viravam à direita na rua seguinte, após passos firmes de quem não sentia medo. Em seguida, passavam em frente à delegacia do centro da cidade. Nessa hora, a armadura se desfazia. Frente ao brilho da sirene azul e vermelha, qualquer vadio treme. Não importa a hora, nem o lugar. Mas aprenderam que cães farejam tudo, então fingiam não ter motivos para sentir medo. E na maior parte das vezes, não tinham mesmo.

Viravam à esquerda e subiam em direção à batalha. De longe se via a fumaça. Eram muitos tragos ao mesmo tempo: traziam talento. Também se sentia o cheiro da cerveja mais barata do bar. Às vezes, bebiam um vinho com gosto de morte. Vez ou outra, um pino vazio caía pelo chão de asfalto em volta da praça.

Olhares intensos. Uns vermelhos, outros dilatados. Alguns com sede de sangue. Outros marejados de cansaço ou da bebedeira. Vozes embriagadas: pelo álcool, pela tensão, pela violência. Gargalhadas carregadas como as que se ouve em giras de esquerda disputavam espaço com o toca discos.

Não demorava muito para que a trilha sonora fosse tocada. Nessa hora, olhares intensos, vozes embriagadas e gargalhadas

balançavam seus corpos com bebidas nas mãos. No alto, mãos estendidas iam para frente e para trás acompanhadas de gritos de uma sílaba só. Era o anúncio de que a batalha ia começar.

Sobre os discos, um homem preto de tom escuro, com dreads na cabeça e olhos expressivos que deixavam escapar seu saudosismo. Guardava no seu coração manias de um homem velho e ranzinza, apesar dos apenas trinta anos. Era respeitado pelos vadios: dava o tom a quem soltava a voz na sexta-feira à noite.

Desgovernados, os vadios atravessavam as ruas compartilhadas com os carros de farol alto que passavam com medo, logo que ouviam o beat. Vinham para o centro da praça mal iluminada, frente ao ringue, com suas munições. Se inscreviam para lutar: um rapaz com os braços tatuados passava com uma folha escrita à mão, repleta de rabiscos, pixos e grafites, onde escrevia o nome dos interessados em batalhar.

Quem carregava a folha rabiscada e boa parte das vezes rabiscava a folha, era um menino branco, de olhos claros, quase sempre usando estampa militar, um dos organizadores da batalha. Não sabia dividir bem as coisas: queria ver o sangue e também queria sangrar.

Algumas vezes, eram muitos os que queriam batalhar. Todo vadio quer ouvir as palmas que as mãos batem para o alçar de sua voz. Infelizmente, o tempo era mandante e, mesmo entre os marginalizados, há disciplina. Cada nome vinha acompanhado de um número.

Foi a forma democrática como conseguiram lidar com tanta gente querendo ver sangue: uma espécie de sorteio sem papel, boca a boca, entre pessoas cuja palavra é a maior arma e garantia. Não tinha erro: ficavam todos na torcida para que seus números de no máximo dois dígitos fossem chamados.

Rafael, um homem negro de tom claro, vinte e quatro anos, porte médio, cavanhaque e olhos espertos, não se inscrevia para a batalha. Apesar disso, tinha sido chamado durante quase dois anos por um número sequencial de seis dígitos, a matrícula.

Foram tempos de sangue frio que não podia ser derramado, conforme as leis do cárcere.

Pelas leis da batalha, o mediador ainda de cima do palanque apontava para alguém escolhido a dedo.

**VOCÊ AÍ, FAIA UM NÚMERO DE 1 A 16. VOCÊ MEMO, DE BONÉ VERMELHO.**

Nessa hora, alguém erguia as mãos e comemorava com os amigos, era o selecionado para a primeira fase da briga.

De cima do púlpito dos vadios, gritava um jovem com pouco mais de vinte e cinco anos, o criador da batalha. Tinha pensado na briga seis anos atrás e mantido vivo o chamado. Tentava ser sempre justo: justiça para os marginais, só se feita por eles mesmos.

Eram selecionados dois números por vez, às vezes três. Isso porque a batalha acontecia entre duplas ou trios até chegar em dois finalistas, os melhores da noite. Não tinha prêmio: nada além dos gritos e das palmas de um público extasiado.

**QUERO VER, QUERO VER, SANGUE!**

Era o início da batalha. Olhos marejados se enfrentavam armados até os dentes. Vinham com tanto ódio na face que às vezes pareciam querer chorar. Para fugir das violências que sofriam, eram violentos uns com os outros, usando a rima como arma.

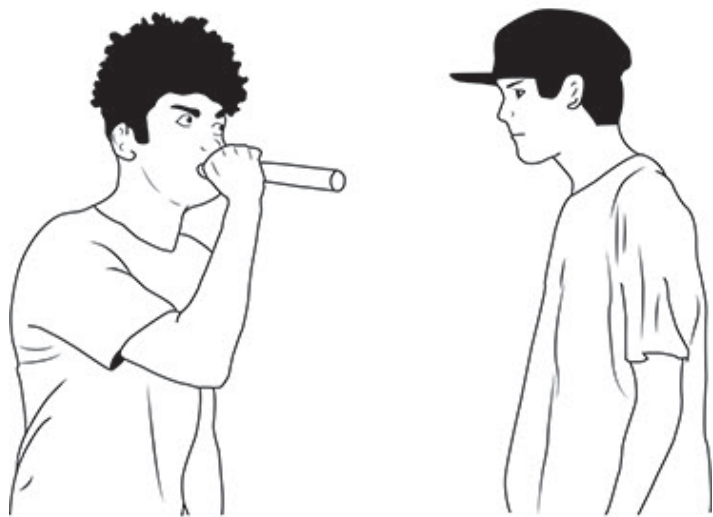
Na maior parte das vezes, eram homens que batalhavam. Vinham na sede de matar o adversário na unha, mas tinham mais sede ainda quando era uma adversária. Por ser mulher, uma mina era atacada por causa dos pelos que mantinha no corpo, pelo tamanho da roupa que usava e pela voz fina e aguda que erguia no meio da praça. Um dia disseram que a veriam sangrar e a resposta foi rápida.

**SE VOCÊS QUEREM SANGUE, ENTÃO VÃO VER SANGUE DE MENSTRUÇÃO.**



Brenda, mulher negra de tom claro e cabelo armado, vinte e um anos, magrela e olhos esbugalhados, queria batalhar de outra maneira. De braços para trás e pescoço inclinado, olhava com raiva para os competidores que escorregavam no machismo, no racismo e na homofobia durante a treta. O freestyle não permite que se pense muito antes de falar, a grande estratégia é ser rápido.

A rima vinha à mente na velocidade da bala de fuzil AR-15: três mil e quinhentos quilômetros por hora, fazendo o mesmo estrago que o projétil. Miravam nos gritos da plateia, que após cada duelo berrava pelo melhor jogador. Pei Pei Pei Pei. Pou Pou Pou. Às vezes, o sonho de alguém acabava morto.



Tinha dia que esgoelavam tanto que os gritos não eram o suficiente para identificar o vencedor. Nessa hora, mãos para cima. Era o único momento em que os vadios erguiam as mãos sem medo: não era enquadrado. No entanto, era a arma mais poderosa do mundo, a cultura.

Na quebrada, a educação não salva ninguém. O sinal do recreio mata a fome e a professora mal paga ensina a ler, mas só a cultura instrui a não responder mal o policial durante o enquadro no beco escuro. Entre as duas experiências, a segunda é a que prolonga a vida.

Mãos para cima e o mediador iniciava a contagem com uma mão segurando o mic, outra apontando para o público, um por um, com o dedo indicador para cima e para baixo. Quando percebia que a contagem para um já tinha passado a do outro, não continuava o exercício matemático. Parava por ali, já tinham um vencedor.

De fase em fase, como as fases da lua, duelos aconteciam até que chegassem aos finalistas, os dois que mais sangraram ou que mais tinham feito sangrar. A última batalha no entanto, embora a mais esperada, era a menos aplaudida.

Cansados de uma semana inteira, vadios atravessavam a praça de chão torto, com seus copos de plástico nas mãos, reunindo os grupos que moravam no mesmo lugar. O trajeto para as quebradas não era breve, nem leve.

### **VAMO QUE O ÚLTIMO DE JÁ VAI PASSAR!**

Paola, uma mulher preta de tom claro, vinte e cinco anos, de olhos misteriosos e braço tatuado, tinha colo de mãe embora odiasse crianças. Sabia do perigo das ruas e sempre pedia que os outros a avisassem quando chegassem em casa. Não tinha perdido amigos para o projétil, mas se perdia para o pó.

Se tentam reduzir a vida dos vadios a pó, eles cheiram. Se tentam quebrar seu teto de vidro, eles cortam. Se tentam acender sua ira, eles fumam. Se tentam amargar sua história, eles bebem. Se tentam tudo isso, eles querem ver sangue na ágora dos vadios, que aos poucos se esvaziava no escuro da noite de sexta-feira, quase sábado.

Naquela sexta não tinha chuva, ao contrário de tantos outros dias de novembro, quando as lágrimas do céu impediam o sangue. Do alto, as estrelas se assustavam com o roncar dos trens que atracavam ligeiros. Sobre o chão, os últimos pés apressados caminhavam pelo cansaço de uma semana inteira. Alguns voltariam no dia seguinte.

Brenda e Paola, no entanto, estavam paradas. Sob a luz da noite, em frente à estação, esperavam outra amiga em direção à batalha. Não era uma noite como outra qualquer. Nesse dia, no fim da tarde, Rafael comemorou a chegada da cura e Brenda precisava pegar com ele. Era o fim dos dias difíceis.

Sob o voo rasante dos pombos que já deviam estar dormindo, vadios atravessavam mais uma vez a cidade. Muitos de menor iam até a batalha com as mãos transbordando cervejas, tragando maconhas e cheirando cocaínas. Era um dos motivos pelos quais Brenda não aceitaria aquele destino. Não estava disposta a colocar alguém no mundo que já nascesse submetido àquela realidade. Não agora.

### **TIRA A MÃO DA BARRIGA, NEGA.**

Paola lembrava constantemente que Brenda não se continha: hora ou outra acariciava o útero, quase declarando amor ao feto que mais tarde seria expulso daquele ventre. Mesmo sob efeito da cocaína, Paola tinha mais consciência do que Brenda sob efeito da gravidez indesejada.

Toda vestida de preto, a mulher dos olhos misteriosos tinha cheirado mais cedo, antes de encontrar a amiga grávida. Fazia isso antes dos compromissos para suportar o peso que eles

carregavam. A droga no sangue era seu maior segredo e do efeito do entorpecente vem o nome Paola, usado aqui.

Era o codinome da mulher dos cabelos longos, quando o alucinógeno aumentava a dopamina no cérebro. Pupilas dilatadas lembravam que sabiam falar espanhol fluentemente e, donas de si, jogavam ao vento as palavras estrangeiras. Se Paola tivesse uma profissão, seria modelo. Mas só a Paola depois das drogas: a de antes, não queria ser nada, não queria ser ninguém.

Esperando retornar ao pó, cada vez que Paola sugava a farinha branca com a narina direita - e às vezes também com a esquerda -, se sentia confiante. Se acabasse a coca, então cheirava o rivotril. Sóbria, se sentia só e tinha medo da solidão.

Tinha aceitado prontamente acompanhar Brenda naquele dia porque queria se sentir útil. Não tinha nada que odiasse mais do que a palavra inútil, como já tinha sido chamada muitas vezes. Apesar de odiar o termo, era como Paola se sentia. Por isso, estava sempre à disposição, dando seu sangue pelos outros.

Repetia para si mesma, a cada fungada, que não era ninguém e se perguntava o que fazia aqui. Se perdia tanto entre os muitos pinos, que vez ou outra percebia que apareciam em alguma foto compartilhada com Brenda. Tinha uma rede social só.

Era ali, onde as pessoas mais interagem umas com as outras, que Paola falava sozinha: tinha um grupo formado por si mesma, onde escrevia recados ofensivos ou pedidos de socorro. Quando não, desabafava no bloco de notas.

**TENHO PRESSA PRA SAIR DAQUI.  
MORRER PRA FUGIR DE MIM.**

Se achava gorda. Seu apelido de infância na família era bolinha. Odiava com todas as suas forças a forma carinhosa com que a encaminharam aos traumas. Não aceitava ser

identificada assim. Nem como bolinha, nem como gorda, nem como não-gorda. Menos ainda como magra.

Não aceitava ser chamada de bulímica, mas sabia que era. Sofreu na infância com os ataques pela fuga aos padrões da magreza e agora seu corpo tentava recuperar os elogios perdidos. Sofria além do corpo expelindo as tristezas pela boca: constantemente apresentava sintomas de paranoia. Inclusive, queria tatuar essa expressão em seu braço com outras duas: sangue ruim e insanidade.

Essas vozes dentro da minha cabeça  
Me perturbam dia e noite  
Querem porque querem saber  
O que eu ainda estou fazendo aqui?  
Qual o sentido de ainda estar aqui se eu já parti?  
O que eu tenho que fazer de tão importante aqui  
Que ainda não fiz?  
O aqui não me quer e eu não quero o aqui.  
Acabe logo com isso, temos pressa.  
Não aguentamos mais te esperar.  
Você não pertence a esse mundo  
E nem a você mesma.  
Vamos, venha logo.  
Precisamos de você.  
Todas essas vozes são minhas.

Era assim que Paola conversava consigo mesma em seu celular. Brenda insistia em dizer que isso tudo era mais que paranoia ou um pedido de socorro, era poesia. O olhar misterioso, no entanto, era também desconfiado e não acreditava na força das palavras. Só acreditava na força da morte.

Paola precisava morrer. Não tinha qualquer outro sonho para si mesma. Até pensava construir uma ONG para LGBTs, mulheres, portadores de HIV, mas precisava de dinheiro para o que seria ajudar os outros como sonhava. Só não se ajudava e também não aceitava ajuda.

A vida de sua mãe, uma mulher negra que nunca imaginou a filha como dependente química, a fazia permanecer aqui, apesar de todas as dores de morrer aos poucos. Às vezes, Paola sentia não ser amada e pensava que sua mãe a queria longe ou morta. A presença materna era tudo o que lhe restava após um dente permanente arrancado.

O grito de dor de Paola tinha começado cedo. Quando criança, sentiu o ar pesar ao ver seu pai e seu irmão mais velho trocando tapas. Se escondeu debaixo da mesa com seu primeiro cachorro, agora já falecido, sem entender nada. Sentia medo e ao mesmo tempo que queria fugir, precisava ver quando tudo aquilo ia acabar para respirar fundo outra vez.

Foram gritos e mais gritos. A menina, que só sabia chorar, testemunhou a briga se estendendo até a rua, onde vizinhos saíam de suas casas para observar um pai espancar um filho e um filho espancar um pai. Não imaginava que alguns anos depois, ambos a machucariam como machucaram um ao outro.

Do silêncio, se ouve o grito  
Do amor, sente o gemido  
Da cura, incomoda prurido  
Da verdade, consolida o mito  
Da virtude, o desabrochar do vício  
Da liberdade, o retorno ao suplício

Do quarto de Paola, dava para ouvir os rumores. Na sala de paredes brancas que contrastavam com o sofá azul onde o pai da menina se deitava, uma crise se estabelecia. O homem de olhos melancólicos que pouco combinavam com o resto do rosto vestia apenas uma bermuda. Sentia muito calor durante os surtos que o abraçavam.

Depois de tantos anos acalmando as crises do pai, a menina sabia só de ver quando a bebedeira destruiria aquele olhar profundo. As portas trancadas de seu quarto testemunharam a chegada de seu irmão, quase dez anos mais velho. Paola não

aguentava mais. Sua cabeça doía, suas mãos suavam e seus membros tremiam em pensar viver aquilo mais uma vez.

Por isso, não tinha ido de encontro ao pai, alcóolatra. Há meses acolhida por seus próprios encostos, Paola se trancava em si mesma e não deixava ninguém entrar, nem mesmo a comida. Pesava quarenta e seis quilos, que se assustaram com o barulho do irmão à porta.

Cobrava a presença de Paola para lidar com o pai. Parecia preocupado enquanto sequer sabia o que fazer nessas horas. Arrastados, aqueles poucos quilos responderam do lado de dentro da porta que era melhor chamar a emergência. O homem alto, preto de tom médio e com cara de bravo não aprovou a ideia.

Gritou. Era como um sinal de que não falaria de novo. A agressividade da voz foi capaz de tirar Paola de seu quarto. Passou por seu irmão, sua cunhada, sua mãe e mediu a diabetes de seu pai que, além de alcóolatra, era diabético. Todos já sabiam o resultado: a glicemia marcava menos de 25, estava baixa.

Não havia glicose suficiente no sangue daquele homem turcão que pouco a pouco perdia a consciência. A crise hipoglicêmica o transtornava e o deixava ainda mais agressivo. Parecia até um surto psicótico, mas não era. Sozinha, Paola precisava controlar a raiva do pai antes de furar seu dedo, coletar o sangue e depositar no aparelho de medição.

### **FALEI PRO MEU IRMÃO QUE ERA MELHOR LEVAR NA EMERGÊNCIA.**

O irmão de Paola não gostou da forma como e do que ouviu da boca da irmã. Ali, naquela mesma sala branca, duelaram os gritos. Mesmo doente, Paola não aceitava que gritassem com ela e começou a retrucar. Queriam ver quem gritava mais alto. Mas o irmão mais velho não aceitava ser enfrentado e sentiu ainda mais raiva ao ver a caçula levantar a voz.

À mãe, só restava acalmar os filhos, sem êxito. A cunhada de Paola se surpreendia com a agressividade do namorado

que tinha acabado de conhecer. Os gritos doíam como tapas e Paola precisava se ausentar e chorar. Não ia chorar na frente dos outros.

Disse que não queria mais ouvir, virou-se de costas para seu irmão, passou por sua mãe que a tentou segurar, mas não conseguiu. De repente, sentiu sobre seus dois braços a força de um brutamente. Seu irmão tinha pelo menos um metro e oitenta que seguravam Paola e a sacudiam de um lado para o outro.

Mãe e namorada do ódio tentavam soltar a caçula de suas mãos, sem qualquer sucesso. Não tinham força suficiente para defender a menina. O pai sequer conseguia levantar do sofá azul sereno. Com aquela mesma raiva, o irmão de Paola a arastou, segurando seus dois braços, pela cozinha.

Enquanto um prendia, a outra tentava se livrar. Levaram com eles tudo que havia sobre a mesa: pratos, copos, talheres, toalha. Tudo foi ao chão. O corpo de Paola também foi ao chão assim que chegaram ao banheiro. Naquele espaço pequeno, a cabeça da menina alcançou a parede que a deixou tonta durante as agressões seguintes.

Inútil. Aquela palavra ecoou em sua mente desde que foi ouvida aos gritos do irmão até as tentativas desenfreadas de se soltar das mãos que a seguravam, mesmo no chão. Os olhos de Paola choviam tempestades. Escorria dor por não saber se defender.

Antes que tentasse novamente se esquivar daqueles braços fortes, grandes e compridos, um murro veio de encontro aos seus lábios. Fez sangrar sua boca e quebrar seu dente. Agora não podia mesmo se levantar. Ficou caída no banheiro até encontrar os braços de sua mãe que a tinham ido abraçar e dizer que tudo ficaria bem.

O pai já tinha se levantado e cambaleado até a cozinha para pedir calma ao filho. Não adiantou: o homem alto saiu de casa dando passos largos que gritavam tanto quanto sua garganta molhada das lágrimas que tinha deixado cair. Bateu a porta. Não contente, bateu o portão. Quase também os quebrou.



A confiança entre os irmãos virou pó, como aquele que Paola cheirava. A mãe da menina a carregou de volta à sala, a sentou sobre o azul do sofá e a ouviu pedir perdão pelo que não tinha culpa.

**EU CHORAVA MUITO E PEDIA PERDÃO POR QUEM EU ERA.  
O VESTIDO QUE ELA USAVA FICOU TODO MOLHADO DE LÁGRIMAS MINHAS.**

Os soluços foram interrompidos pelo retorno do irmão à casa. Se agachou em frente à irmã, segurou seus braços de novo e explicou porque tinha feito aquilo. Como se houvesse justificativa. Paola pedia que o irmão a soltasse. Não soltou. Voltou a gritar que aqueles poucos quilos eram culpados e mereciam tudo aquilo. Não ia se desculpar.

A cunhada de Paola chamou o namorado para fora de casa. Enquanto lá fora ele quebrava tudo, lá dentro o pai se desculpava sentado à mesa desfeita, com a voz trêmula. A mãe o tinha culpado pela briga dos filhos e chorava ao ouvir os pedidos de perdão da filha caçula, com braços marcados e doloridos.

Quando Paola retornou ao quarto com sua mãe, sua cunhada foi até ela. Já tinha levado o irmão descontrolado à casa em que moravam: eram vizinhos. Entre soluços e dores, os olhos misteriosos e a voz rouca diziam que aquele homem era um monstro.

Logo Paola foi repreendida por sua mãe. Não era para falar essas coisas porque seu irmão só estava nervoso. Ele não era assim. Ouvir aquilo doeu mais do que perder um pedaço do dente. Doeu tanto que a menina engasgou com tudo o que representava até vomitar sua sexualidade.

Com as mãos pequenas tremendo e a adrenalina correndo dos pés à cabeça, deu um suspiro de dor e alívio ao mesmo tempo.

**EU NÃO CONSEGUIA MAIS SEGURAR AQUILO DENTRO DE MIM,  
EU TREMIA E SENTIA MEU CORAÇÃO SAINDO PELA BOCA.**

Paola prendeu a respiração e olhou fixamente para o chão de azulejo branco com estrias lilás. Avistou Mel, sua segunda cachorra, com um olhar assustado na porta do quarto, agitada.

### **EU GOSTO DE MENINAS.**

Sequer conseguia pronunciar a palavra lésbica. Olhou nos olhos de sua mãe depois de pôr para fora o que guardava há anos e ouviu que estava tudo bem, não tinha problema.

Sua mãe e sua cunhada, que ficou em silêncio durante a revelação, saíram do quarto de cabeças baixas. Paola tirou as lágrimas do pijama que usava, vestindo uma calça preta, moleton e chinelo para fugir. Não avisou ninguém: pegou sua chave e saiu sem rumo, em meio à chuva que camuflava seu choro.

Andou por horas. Passou em frente à casa de seus melhores amigos, mas não tinha voz para chamar. Nem coragem. Não os via há meses e agora sentia ainda mais vergonha. Paola que sempre se isolou e amou a solidão, naquela hora só queria um abraço que dissesse estar tudo bem. Mesmo não estando.

Quase se jogou na frente de um carro. Não conseguiu. Não queria voltar pra casa mas, ao mesmo tempo, não queria ir a lugar algum. Quando se virou em direção à sua família novamente, avistou sua mãe, na chuva. Tinha ido atrás da filha para implorar por seu retorno.

Quando chegaram em casa depois da tempestade testemunhar o silêncio das duas, encontraram a calma de um cenário de guerra. Não parecia que o chão daquela sala tinha recebido tantas lágrimas. O sofá azul já estava seco. O pai recuperado. A mesa posta, aguardando Paola comer alguma coisa. Mas se não comia em dias felizes, menos ainda em dias tristes.

Resistiu à insistência de sua mãe, que então preparou um chá. A água fervendo fazia um chiado de quem pedia segredo àquela agressão. Embora fosse agitada, a mãe de Paola pedia calma e dizia que tudo ficaria bem. O silêncio do pai de Paola, que dormia nesse momento, combinava com a voz paralisada

daquele corpo gelado e fraco.

Foram todos deitar, menos Paola e sua cachorrinha. Ficaram juntas a noite toda, uma acalmando a outra em meio aos soluços de quem tinha apanhado. Mel, que estava com uma doença de pele, precisava de um banho especial uma vez por semana. Paola e seu irmão faziam isso juntos, mas no dia seguinte, essa foi uma ação solitária.

O homem alto, de olhos bravos e braços grandes sequer olhou nos olhos da irmã. Mas ergueu sua voz alto o suficiente para que, do banheiro, Paola ouvisse. Queria levar a Mel embora. Naquele momento, o bichinho de estimação era tudo o que a irmã caçula tinha e aquela ameaça a machucava mais que as mãos do irmão.

Mais uma vez, a mãe acolhedora aconselhou o filho a pedir desculpas. Mais uma vez, não foi ouvida. Com dores em toda a extensão do corpo, marcas de hematomas, um pedaço do sorriso faltando e um galo na cabeça, Paola foi até seu quarto. Devagar, sentou em frente ao espelho, encostada na cama.

Viu grudadas mensagens de todas as pessoas ausentes naquele dia. Estava definitivamente sozinha. Ouviu a família rir na cozinha enquanto se trancava em si novamente. Nunca mais gostou de espelhos. Eu não era absolutamente nada.

**AQUILO ME DOEU MUITO. EU NÃO FAZIA PARTE DAQUELA FAMÍLIA.  
EU SENTI ÓDIO DE TODOS ELES, INCLUSIVE DA MINHA MÃE.**

Depois daquela sexta-feira quente de novembro, Brenda não ia querer ver mais seu reflexo no espelho. Queria vomitar a dor do adeus emplacada pelo cheiro de cachorro quente no ar. Quando não estavam sobre a barriga, seus dedos magros acariciavam o medo que sentia. Seu vestido longo e florido era uma tentativa de se esconder atrás da ansiedade que estampava seu olhar.

Não se sentia parte de nada, nem de si mesma. Era como fragmentos de um espelho quebrado: em cada pedaço, uma

imagem desconexa da que se formava quando inteiro. Vidro partido, começava a se cortar: sentia culpa todos os dias pelo resultado indesejado daquele exame de farmácia.

Quando finalmente esquecia, a ânsia vinha como um soco em seu estômago até que perdesse o ar e desmaiasse no meio da rua. Várias vezes precisou ser socorrida sob céu aberto. Pedia às nuvens que levassem com elas aquilo que ainda não era uma vida e não passaria a ser.

Feto não é criança, repetia. No pulsar das mamas enrijecidas, seu coração perdia fôlego. Quadril trêmulo de dor choravam a progressiva expansão. Seu corpo se preparava para receber o que não era bem vindo. Nada a enjoava mais do que o cheiro de reprovação social por sua escolha.

Apesar de instável, tinha decidido. Recebeu o apoio de Paola desde o primeiro momento. Talvez porque sua própria gestação tinha sido indesejada. Sabia pelo que sua mãe contava, de toda a dor que sentiu. Brenda também recebeu o apoio de Rafael, pai do feto:

**SE QUISER TER, VAMO TER. SE NÃO QUISER, A GENTE TIRA.**

Cada passo sobre o chão sujo do calçadão em direção à praça naquela sexta-feira doía mais. Culpa embriagava Brenda muito mais que qualquer litrão. Ao seu lado, Paola caminhava firme e convicta, enquanto outra amiga, cabisbaixa. Não concordava com a decisão.

**NO SEU LUGAR, EU TERIA.**

A amiga negra de tom escuro tinha estudado na mesma escola que Brenda, era um pouco mais nova. Carregada por traumas, bem como as amigas, exteriorizava os machucados ao citar as dores dos outros. Talvez, sem querer, deixasse escapar a algumas pessoas a cicatriz que faria Brenda chorar.

Viravam à direita, sob o olhar da lua, caminhando com pés

firmes em frente à delegacia. Nessa hora, Brenda se lembrou dos motivos pelos quais não podia aceitar aquele feto. Era uma mulher negra, ameaçada pela polícia da cidade, caçada pelos políticos, abortista, que queria morte às chacinas. Seu companheiro, um homem negro, ex-presidiário, traficante, que queria cantar a liberdade de cima dos palcos.

Virou à esquerda finalmente, subindo a rua pouco íngreme cujas árvores começavam a quebrar o chão desde as calçadas. Pedia que Rafael trouxesse logo a cura. É como chamam o cytotec, também conhecido como misoprostol, o remédio que aumenta as contrações para expelir o feto. Dor de barriga é codinome de aborto usado por quem busca soluções para não parir desespero.

Sentiu o cheiro do cigarro e dessa vez quis vomitar. Mesmo o queimar da paranga a tirava o ar. Antes, nunca tinha se importado. Hora ou outra, interrompia a sensação pelas palmas sobre a barriga e recebia um olhar de reprovação de Paola. Soltava as mãos uma da outra e as juntava atrás do corpo, como fazia quando queria parecer durona.

Não prestou atenção em nenhuma batalha aquele dia. Estava aflita em travar a luta contra si mesma. Sequer soube quem foi o vencedor. Se sentia vencendo quando recebeu em seu celular o aviso de que Rafael estava por perto. Se encontraram pouco depois da praça: não queriam que as pessoas os vissem juntos.

Brenda recebeu um abraço de preocupação. O olhar esperto de Rafael dava lugar a olhos melancólicos que reconheciam o sofrimento dos olhos esbugalhados. Fora de foco, ainda recebiam olhares desconfiados. Eram o próprio estereótipo vivo.

Poucos minutos pareciam horas, um ao lado do outro. Embora Rafael tentasse passar força, seus olhos não o deixavam mentir: estava com medo. Depois dos olhos se cruzarem, o homem trouxe de volta seus olhos espertos. Tinha na mochila mais do que o remédio.

Abriu o zíper olhando para os lados, num pedaço escuro da rua, tirou de dentro uma embalagem de cd e colocou nas mãos

de Brenda. Era assim que vinha a cura: camuflada para não ser identificada durante o transporte interestadual.

Brenda segurou firme. Seus olhos dilatados sorriram outra vez, mas foram interrompidos pela esperteza de Rafael. Avistava o carro para quem venderia maconha aquele dia. Atravessou a rua, desconfiado, entregou uma sacola. Foi tão rápido que Brenda quase não percebeu.

Voltou com o semblante de que não tinha acabado. Os olhos melancólicos de Rafael diziam que não era o único trabalho da noite. Precisava ir e Brenda chorou. Queria alguém por perto. Se preocuparam juntos, um pelo outro. Ninguém ali fazia o que fazia porque queria fazer. Isso dizia muito sobre os vadios.

Se despediram com mais um abraço envolto em tristeza. Com passos trêmulos, Brenda retornou à praça e viu Rafael na direção contrária. Paola veio ao seu encontro cheia de carinho. Não era de abraçar, mas por dentro chorava a dor da amiga.

Brenda não via a hora de ir embora. Nem mesmo as árvores do centro podiam protegê-la de si própria naquele dia. O ar que respirava se perdia no trago de dor dos outros. Não tinha comido nada. Precisava se medicar em jejum de doze horas.

Finalmente decidiram partir. Tropeçando no chão desnivelado, seguiram até a rua que agora descia em frente à delegacia. Sirenes piscavam sem qualquer som e os fardados olhavam a batalha como quem queria ainda mais sangue no chão daquela praça.

Brenda sequer olhou as fardas. Passou de cabeça baixa e colocou as mãos na frente do corpo. Não era hora de parecer dura. Nesse dia não suportaria quaisquer agressões de quem deveria garantir a segurança. Felizmente, estava amparada pelo centro da cidade.

Na periferia, chegando de um sarau, seu corpo foi de encontro à dor física. Era meia noite de um dia cansativo. Declamou poesia contra a chacina naquele dia. Passando pela rua abaixo da sua, ouviu um assédio das sirenes ligadas. Questionou. Não

devia.

No escuro daquela rua vazia, uma vadia mantinha mãos ao alto enquanto era arrastada até o lado da calçada banhada pelo matagal. Foi sobre aqueles ramos que sentiu o balançar de sua perna esquerda depois de um chute. Eram três homens fardados, dois brancos e um negro.

O que usava óculos vomitou seu ódio: Brenda jamais deveria questionar uma autoridade. Ainda no chão, a menina dos olhos esbugalhados sentiu uma mão percorrer suas pernas. Não tinha voz, mas reclamou.

### **É UMA REVISTA.**

Gargalharam. Com as mãos na cintura, o homem que Brenda não conseguia ver o rosto por causa da luz disse que ela podia ir se pedisse por clemência. Se sentiu inútil.

Foi interrompido pelo colega de olhos claros dizendo que ela jamais imploraria.

### **EIA É ORGULHOSA COM POLÍCIA, NÃO VÊ EIA DEFENDENDO BANDIDOS POR AÍ?**

Soltaram a menina. Tentou correr, mas não conseguia. De qualquer modo, a deixaram ir. Observaram enquanto ela subia, trêmula, a ladeira.

Nunca mais teve paz ao ver sirenes ligadas. Mas naquela sexta-feira não podia enfrentar nada além de seu medo, então ficou em silêncio e não olhou para os lados. Pediu proteção aos prédios. Caminhou até o calçadão, onde seus passos se firmaram novamente. Seguiu até o terminal da cidade para pegar o ônibus.

Naquele dia não precisaram correr, felizmente. Mas às vezes até preferiam. Era melhor correr para entrar no ônibus do que esperar horas para que ele chegasse. Brenda e Paola esperaram com paciência enquanto cada minuto parecia enrijecer ainda

mais as mamas da grávida.

Passaram a catraca, planejando como seria aquela madrugada. Brenda estava ansiosa e não podia esperar sequer mais um dia para ingerir a cura. Queria aproveitar o jejum e acabar logo com aquilo. Paola pediu calma, mas entendeu e apoiou toda aquela ansiedade. Não teve outra conversa sobre outra coisa aquele dia.

Se despediram, Paola descia antes. Com seu jeito de mãe, se fingiu positiva e pediu que Brenda mantivesse contato. Na verdade, também tinha muito medo. Sem olhar nos olhos de Brenda, sorriu que ficaria tudo bem. Desceu as escadas do ônibus e olhou para trás: nunca fazia isso.

Brenda não sentia nada. Ao mesmo tempo, sentia tudo. Um misto de dor física com dor psicológica fazia suas mãos tremerem. Aquele era o último ônibus da noite e o último dia de dor de Brenda. Não parecia chegar nunca, mas chegou. A menina desceu do ônibus olhando para os lados e suspirou a rua íngreme com o corpo fraco. Como nunca antes, correu.



Droga

Rafael ainda tinha força nas pernas. Mas de vez em quando perdia o fôlego e queria parar. Seus olhos queriam ser mais acolhedores e suas mãos só queriam portar a paranga que sua boca tragasse. Cansava de entregar o grama e receber a grana. Não queria mais o corre.

Desde os catorze anos, vivia a droga. Na verdade, mais ainda, se contasse os tragos de seu pai. Na adolescência, conheceu a paz que a maconha trazia e a guerra que sua venda plantava. De dia, entregava café aos senhores engravatados e de noite, entregava outras drogas aos senhores desesperados.

Era aprendiz no fórum de sua cidade no interior. Passava pelos portões verdes que lembravam grades e via seu reflexo nas janelas de vidro do prédio. Carregava pilhas de processos nas mãos para organizar cada um deles no armário gasto do sistema público. Buscava café preto para homens brancos.

Às vezes encontrava sua mãe, uma mulher branca, de traços marcantes, olhar cansado. Trabalhavam no mesmo lugar. Mas Rafael não tinha aquele emprego por causa de sua mãe, tinha uma agência por trás da vaga e era mesmo só uma forma de desbaratinar. Seu trabalho de verdade era outro.

Nem sempre quis aquele destino. Quando criança, queria ser jogador de futebol e era bom no que fazia. Jogava melhor do que muito moleque, mas não tinha dinheiro pra bancar um teste, não tinha ninguém que o levasse ao treino, não tinha chuteira pra mandar o gol.

Participou de campeonatos na escola onde estudava no interior. Nos vexames de 16 a 1, tinha chutado a bola ao gol uma vez pelo seu time: só tirou a vergonha do zero.

## **OS CARA NÃO JOGAVA. OS CARA TAVA JOGANDO LÁ PORQUE OS PAIS PAGAVAM O PROFESSOR PRA BOTAR PRA JOGAR, ENTENDEU?**

Não se conformava por não participar do interclasses. Nos preparatórios, enquanto corria atrás da vitória, enxergou sua mãe na arquibancada. Foi a única vez. Até porque depois não jogou mais. Suou a vitória de 4 a 0, tendo marcado 3 vezes a rede. Mesmo assim, só foi a campo na batalha seguinte pelos últimos quinze segundos de jogo. Viu do banco seu time fracassar.

Irônico, arregalou os olhos, torceu a boca e disparou um obrigado no peito do professor. Quando sentia raiva, chorava mais do que quando sentia tristeza. Naquela tarde molhou o verde do campo com suas lágrimas transparentes. Saiu a passos firmes, largos e ligeiros. Mesmo chorando, aqueles olhos ainda tinham fé.

No ano seguinte, tentou de novo. Foi rebatido pelo olhar curioso de seu professor o chamando para a equipe de vôlei.

## **EU PRECISO JOGAR FUTEBOL, EU PRECISO, TÁ LIGADO?**

Mesmo ouvindo que seria o reserva dos reservas, queria tentar. O sentimento morreu quando o campeonato acabou e o menino não tinha nem sentido a bola tocar seus dedos.

Seu rendimento caía assim como sua expectativa. Aos poucos as notas baixavam e percebiam alguma coisa errada. Sempre tinha sido bom aluno: amava história. Tinha uma professora tão inteligente, que sequer precisava estudar para a prova, absorvia o conteúdo sem caneta. Não entendia matemática: números o embriagavam. Lidaria muito ainda com as equações da vida, todas difíceis de entender.

Foi uma criança gorda, além de pobre, na escola dos endinheirados. Assim como Paola, que também estudou em uma escola particular. Tinha conseguido uma bolsa de estudos. Ainda assim, com os descontos, sua mãe não poderia pagar.

Quem pagava era a avó materna, a mulher com quem Rafael dividiria o luto e a luta.

Sobretudo, era um menino negro que não se enxergava nos colegas. Até tentou se enturmar quando aceitou visitar um colega em sua casa. Aqueles olhos claros moravam no condomínio mais caro da cidade e Rafael nem tinha levado roupa, foi de uniforme mesmo.

Achou que não tinha problema e o colega era só uma criança, como qualquer outra. Percebeu que não, quando três empregadas domésticas traziam bandejas cheias milkshakes para as crianças. Os olhos espertos brilharam, mas foram interrompidos pelo dono da casa perguntando cadê as roupas para entrar na piscina. Não tinha.

Por sorte, o dono da casa podia emprestar camisas de marca para Rafael, que sentia vergonha de entrar na piscina por causa de seu corpo. O menino rico também podia carregar as crianças pobres na BMW com DVD do pai, que deixou Rafael boquiaberto: não tinha DVD nem em casa.

Depois daquele dia, pensou em riqueza: queria ser um preto rico. Mas era novo demais ainda, precisava estudar e recuperar o rendimento. Era o que sua mãe, a mulher dos olhos cansados, insistia em dizer, emendando que as notas ruins só podiam ser fruto da ausência paterna. Nem era. Aproveitava para culpar o pai dos meninos pela maconha.

Não sabia ainda que seus filhos tinham herdado o costume à paranga. Queriam sentir as pernas leves e o coração palpitando. Já tinham os olhos avermelhados, Rafael aos catorze, o mais velho aos quinze anos. Não podiam se entregar ao caos da vida insana e cansar de suas próprias histórias.

Não demorou muito para que a mãe de Rafael descobrisse. Primeiro, seu irmão deixou a ponta da paranga sobre a pia após dormir, esqueceu onde estava. Depois, Rafael foi flagrado no quintal usando droga. Quando viu a mãe chegar, até pulou a janela e fingiu estar tomando banho. Não adiantou. Cheiro de marola toma conta do espaço feito incenso.

Depois de muito xingar, deixou de brigar com os filhos: não tinha o que fazer. Melhor que fumassem dentro de casa porque lá fora, podiam ser forjados, podiam ser agredidos, podiam ser mortos. Dependia do humor de quem carrega a farda no corpo e a arma na cintura.

Rafael queria mais. Os quatrocentos reais que ganhava no fórum não eram suficientes. Um amigo tinha quinhentos contos e combinou com os olhos espertos que comprariam tudo em maconha. Depois, iam vender e comprar mais.

### **FUMAR DE GRAÇA E GANHAR DINHEIRO.**

Rafael era empreendedor nato e aceitou na hora.

Seus pés sempre estavam sujos de terra enquanto caminhava pelo bairro. As ruas eram algumas de asfalto, mas a entrada da região tinha lama. Aquelas pegadas caminharam até a biqueira depois da sociedade com o amigo, que entrou com o dinheiro enquanto Rafael contribuiu com a malandragem. Em poucos dias, descobriu com quem falar. Foi até a biqueira trombar o mano. Bom de lábia, arrumou um fornecedor em questão de dias.

É uma corrente. As drogas chegam da fronteira: Paraguai, Colômbia, Uruguai, Peru. Alguém no Brasil recebe e tem pelo menos umas trinta pessoas para distribuição. Essas trinta têm mais umas vinte, cada uma. Cada uma, tem mais umas quinze. Assim a rede se difunde e até chegar ao consumidor final, a droga passa na mão de muita gente. Não tem como controlar esse sistema.

Rafael entendeu rápido essa dinâmica. Subia ladeira, descia ladeira, no calor de muitos graus da cidade interiorana. Entregava droga e fazia dinheiro, se organizou bem para garantir os lucros. Se contentou por um bom tempo, até que passou a olhar mais profundamente para as oportunidades.

Tinha uma ponte na cidade, onde todo mundo fumava um. Era um ponto de encontro, igual a praça da batalha, só que

sem sangue. O cheiro no ar, no entanto, era o mesmo. No fim, tinham quase a mesma função, já que poesia é vício - e dos piores: não tem cura.

Envolta por dois postos de gasolina, Rafael nem pensou que a ponte era alvo das câmeras. Sob efeito da ambição, o menino de poucos anos nas costas planejava lucrar mais e mais. Tinha cansado do fórum, faria uma prova para contratação e não achava que seria escolhido. E não seria mesmo.

Nem sua nota nove na avaliação podia garantir o emprego. Talvez tivesse feito a escolha certa. Se não fosse o tráfico, não teria outra profissão naquele momento. É assim que Rafael enxerga o que faz, como profissão, sem qualquer demagogia. Mas tudo começou mesmo para viver melhor: sobrevivência é a maior lírica da quebrada. Foi pensando nisso que aqueles olhos espertos pensaram instituir uma biqueira na ponte.

Procurou os responsáveis pelo ramo na cidade, porque o tráfico é organizado. Não é bagunça. Sob a luz da ideia, passou a visão para os seus fornecedores.

### **AÍ CÊ ARRASTA A QUEBRADA. TODO MUNDO FUMA UM AII!**

Não aceitaram a proposta. Parecia arriscado demais colocar um ponto de venda naquela ponte.

Onde as pessoas já são marcadas pelo consumo, marcar pela venda é questão de tempo. Ainda assim, Rafael não tirava a ideia da cabeça. Sabia que a iniciativa era lucrativa, iam vender muito pelo mesmo motivo que era perigoso instaurar o esquema naquele espaço.

Em questão de dias, os responsáveis pela área mudaram de ideia.

### **Ô, RAFAEL. VAMO FAZER UMA PARADA NAQUELE PICO, HEIN?**

Parece faltar parte dessa história. A ascensão parece rápida. E foi. Quem tem mente forte no tráfico, tem a chance de subir

na venda. Fora dos morros, nem precisa de nome para tudo. O mais importante é o disciplina, que dá aval para abrir um pico novo. Na cidade de Rafael, o disciplina era responsável pela zona sul e pela zona leste. Depois de analisar se um ponto de venda influenciava na lucratividade do outro, liberava ou não a iniciativa.

Outro nome importante é o fornecedor, que repassa o bagulho pra alguém numa quantidade significativa. Como um funil, as quantidades vão diminuindo conforme os próximos repasses. Não há como imaginar o movimento da droga e a renda que ela gera, principalmente nos espaços desassistidos.

Rafael começou vendendo na ponte, mas tinha visão e podia muito mais. Graças à lábria, que não tinha herdado da mãe e sim do pai, vendia mais que os outros. Foi educado para ser homem de palavra e, esse ramo, tá cheio de gente querendo passar a perna um no outro. Rafael não era assim: mantinha nas costas o peso da profissão e, pela competência, foi nomeado gerente.

Outro nome de extrema importância: o gerente é quem supervisiona a venda num ponto de venda. Distribui entre quem repassa, pega o lucro, confere os processos. Garante que o sistema rode como deve rodar.

Descobriu uma vez a desordem, sem querer. Matou aula pra viver a vida. Queria fumar um baseado no pico e caminhou pelas ruas escuras da escola até a ponte. Sentou olhando o céu escurecer. Foi abordado por um cliente: o cara queria uma de 10. Mas se Rafael prezava pelo trabalho, também respeitava o descanso. Não era seu turno. Queria só tragar paz. Não teve jeito. Precisou levantar seus olhos espertos e caminhar até seu menino.

## **MEUS MENINOS!**

Era como chamava quem trabalhava sob sua gerência. Era a forma carinhosa e protetora daquele corpo ligeiro que ou-

viu do cliente que seu menino vendia parangas menores. Não fazia sentido porque Rafael pesava tudo igual. Pediu pra ver o bagulho.

Em vez de quinze, eram trinta. Tinham sido cortadas ao meio. Os meninos queriam lucro, eram ambiciosos como seu gerente, mas não mantinham a postura. Não tem luxo nesse tráfico barato, quando se é quase o último do sistema a receber a droga. Talvez por isso, qualquer oportunidade de trocado a mais, seja uma chance. Rafael não cobrou o menino: por um lado entendia.

Não entendeu mesmo o dia em que foi comparado à polícia civil. Viu de longe, acompanhado de uns amigos, a farda. Tinha ido mais uma vez só fumar, o que parecia mesmo não trazer sorte. Foram os quatro abordados pelos policiais. Vinham com sangue nos olhos.

Se tivesse droga, iam pegar. Se não tivesse, iam forjar. Chegaram violentos. Separaram os quatro amigos em dois de um lado, dois do outro. Estratégia antiga para marcar falácias e contradições. Os fardados pediram os documentos. Os meninos tiraram de seus bolsos com calma, e olhares voltados para baixo.

Com as mãos à frente do corpo, Rafael viu um fardado em sua direção. Seu coração acelerou. Aqueles olhos sedentos seguravam o crachá do gerente do pico. Um pedaço de plástico salvou Rafael das tapas, mas não salvou dos traumas. O policial chamou o menino de canto.

### **VOCÊ É UM DOS NOSSOS.**

Rafael arrepiou os pelos do corpo. Não queria ser um deles, não era um deles. Jamais seria um deles. Seu asco foi interrompido pelo barulho do tapa que outros dois amigos levaram. Tinham encontrado uma ponta no meio do tabaco que carregavam, depois de dizerem que não tinham nada ilícito. Ainda assim, Rafael bem ouviu as armas conversando entre si.

## SE TIVESSE ALGUMA COISA AQUI, A GENTE FORJAVA ELES.

Tinham escondido todas as drogas pela extensão da ponte. Só tinha sobrado a paranga que Rafael carregava no bolso. Mas era um deles. Então não tinha problema. Justificou ter comprado no centro de São Paulo, quando visitou a família. Mas nem precisava dizer nada. Aquele momento consolidou a certeza que a quebrada já tem: a seletividade sobre quem toma um tapa na cara. Embora tivesse escapado, aquele dia ficou marcado na história de Rafael.

Só buscaram as drogas escondidas à noite, quando nem as câmeras dos postos podiam identificar os rostos. Entraram por um matagal próximo, com muita cautela e cuidado. Já era quase madrugada. Pegaram tudo. Podiam respirar, sossegados.

Talvez esse episódio tivesse mudado as expectativas de Rafael. Não queria mais bater ponto. Já tinha seus clientes fixos e era mais seguro vender fora do pico. Como coisa do destino, um cara sossegou do corre e passou seu revendedor direto para Rafael. O empreendimento começava agora, de verdade, sendo seu próprio patrão. Ganhava dinheiro com maconha, mais ainda com pó. A cocaína, no entanto, tirava a paz de Rafael. Não importava a hora, seu telefone gritava a abstinência.

O pó tinha transtornado Paola. Dizia que aguentava ficar sem a droga, mas não aguentava. Ficava inquieta quando não tinha dinheiro. Via vultos, sentia muito, ouvia vozes, chorava desvario. Apesar disso, não aceitava dinheiro dos outros para alimentar seu vício.

Frequentemente não lembrava as coisas. Se perdia em si mesma. Tinha o olhar agitado, mãos frenéticas que mexiam os braços sem parar. Falava muito. Sentia dores emocionais que só curavam com a farinha. Vivia sangrando. Por dentro e às vezes por fora.

Estava sozinha em casa no final do ano porque odiava sair. Nunca acreditou em abraços. Nunca aceitou os sorrisos. Nunca se apoiou em esperança. Nunca suportou recomeços.



Só suportava a vida por amor à vida dos outros, mas por si mesma sustentava desprezo.

Era natal quando cheirou o que parecia os últimos suspiros. Não tinha ninguém em casa, só a Mel, sua cachorrinha: podia colocar suas músicas, sentar no chão de estrias do quarto e se martirizar. Após o quarto pino, suas narinas cansaram. Estavam sensíveis, doíam, sangravam. Paola ouviu vozes e viu vultos, ao mesmo tempo. Parecia explodir.

Sentada naquele chão, olhou as paredes e enxergou o que não conseguia identificar. A música parou. Só as vozes cantavam agora e Paola se concentrava nessa sinfonia. Abriu a latinha das drogas e pegou quatro comprimidos de rivotril. Deviam durar a semana toda, mas aquelas pupilas dilatadas precisavam de mais.

Fazia isso quando sentia falta das pessoas que amava e não estavam mais na sua vida. Paola carregava amores abusivos em seu coração. Alguns, maiores que outros. Todos cegos e verdadeiros, de um lado só. Era difícil esquecer quem lhe tinha marcado o corpo e, portanto, a vida. Tão difícil quanto a falta das pessoas, era a falta da cocaína.

Sinto falta de você  
Sinto falta da sensação que você me faz ter  
Sinto falta da paz que você me dá  
Sinto falta da coragem que você me faz ter  
São vinte e quatro horas sem você  
Três e quinze de uma sexta-feira  
Abstinência  
Desvario  
Angústia  
Cocaína

Seu maior amor a tinha acompanhado numa festa do branco onde só Paola usava preto. Queria só cuidar daqueles olhos

misteriosos. Devia ter sentido que alguém sujaria as mãos naquela noite e tinha medo que Paola perdesse o controle. Por isso, decidiu ir.

Tinham um relacionamento conturbado, desde que a mulher foi para o intercâmbio. Combinaram um relacionamento aberto já que o oceano as separava. Dividiam as experiências pelo celular: contavam tudo uma para a outra. Até o dia em que Paola contou que ficava com outras meninas. Não era nada demais, tinham combinado.

De início, percebeu o afastamento da companheira. Depois, foi pressionada pelas ameaças. Ia ser morta. Devia ser só o jeito de falar. Afinal, o amor entre duas mulheres deve ser mais respeitoso do que entre uma mulher e um homem. Paola gostava de amar, doendo. Queria um sentimento que lhe tirasse o ar.

A namorada foi capaz disso. Paola bebeu muito e perdeu os sapatos na festa. Por estar bêbada, ouviu que era suja e rodada. Retrucou: mandou a mulher branca de cabelos escuros ir embora. Não foi. Ficou lá dizendo que aqueles olhos misteriosos e vagabundos não a mereciam.

Sob a trilha sonora, Paola foi agarrada pelos cabelos. Todos viram a hora em que os olhos da menina escorreram tristeza. Foi arrastada até lá fora e jogada dentro do carro. Não o seu, não tinha. Mas sua namorada, estudante branca mantida pelos pais, tinha uma conta generosa. Foi xingada durante todo o caminho: puta, vagabunda, vadia.

Paola só sabia chorar. Descalça, sentia no peito a dor da violência mais uma vez. Sem ser esperada, de novo. Foi puxada para fora do carro depois que rodaram por minutos. Sentiu o impacto dos dedos no chão gelado do piso. Sobre os braços, as mãos de sua namorada deixavam marcas roxas de dor.

Entraram pela sala de cortinas pretas. Paola tentou sair assim que entrou. As portas foram trancadas. Ofensas foram trocadas.

**EIA DISSE QUE EU NUNCA FUI BOA O SUFICIENTE. DISSE QUE EU ERA GORDA.**

## **EU ERA FEIA. E NINGUÉM IA ME QUERER COMO ELA ME QUERIA.**

Disse até que aqueles pés descalços morreriam sozinhos.

As desculpas de Paola não eram suficientes. Terminar o relacionamento também não. Sua namorada não aceitava o fim e aqueles gritos agudos machucavam qualquer tentativa de recomeçar. A grande sala testemunhou lágrimas. Até o silêncio de Paola incomodava.

### **INÚTIL.**

Sobre a cabeça daqueles olhos misteriosos caía o mundo outra vez. Paola saiu correndo em direção à porta porque queria ir embora. Não podia ouvir aquilo outra vez. Foi interrompida por sua namorada. Num pulo, já estavam frente a frente. Uns olhos berravam, outros olhos pediam socorro. Talvez os dois precisassem de ajuda.

Paola estendeu os braços pelo lado da menina, alcançou a maçaneta e a torceu. Precisava sair. Um jogo de corpo empurrou o corpo triste de Paola para longe em questão de segundos. Olhou nos olhos de quem a chamava de amor. Tentou se levantar. Sentiu a bochecha queimar por um tapa.

Não acreditou. Ouviu que não era para chorar, não. Trêmula, Paola se reergueu até a porta. Devagar, tentou sair mais uma vez. Viu seu corpo voltar com a mesma força de antes. Agora, por trás. Seus longos cabelos estavam nas mãos de sua namorada, que a contornou até chegar à sua frente, colocando as mãos em seu pescoço.

Paola foi enforcada.

### **EU TENTEI TIRAR A MÃO DELA MAS EU NÃO CONSEGUI.**

A namorada praticava luta e sabia usar a força, apesar de menor na estatura. Enquanto tentava se livrar, Paola foi jogada contra a parede. Bateu a cabeça três vezes, com muita força.

Tentou gritar. Teve a boca tapada. A menina magra que a segurava agora também chorava.

Dizia que a companheira a deixava louca. Paola foi jogada no chão frio enquanto suas lágrimas lavavam os hematomas pelo corpo. Ao redor de sua cabeça dolorida, a namorada caminhava. De um lado para o outro. Até que se agachou. Passou a mão sobre os cabelos longos e escuros de Paola e pediu desculpas.

Nada mais habitava aqueles olhos misteriosos: só medo. Aquelas mãos sujas de ódio abraçaram Paola. Em meio aos soluços, a menina ouviu que era amada. A namorada queria transar. Tinha sentido tesão depois de espancar a companheira. Paola não tinha forças para empurrar aquele corpo que se encaixava sobre ela. Menos ainda para se levantar.

Sentiu passar pelo sua pele a mesma mão que lhe tirou o ar. Transou com a violência naquela noite. Aliás, não transou. Só chorou. Antes, durante, depois. Não teve orgasmo, só teve receio. Quando o sol se pôs, ouviu daquele corpo magro que tinha sido a melhor transa das duas. Não acreditou.

Quando lembrava disso, Paola reduzia os comprimidos de rivotril a pó, na mão. Fazia o mesmo quando lembrava do dente quebrado. Pior ainda, se sentisse ser inútil. A latinha ficava vazia cada vez que lembrava ser quem não queria. Cada vez que sentia morrer aos poucos.

Naquela noite de natal, triturou com os dedos um por um dos comprimidos até que pudessem se misturar com a cocaína. Mais cocaína. Cheirou tudo. De uma vez. Suas vistas escureceram.



Os olhos de Brenda não se fechavam. Depois de correr a la-deira, chegou em silêncio. Avisou Rafael e Paola que estava em casa. Chegar era sempre uma vitória. Queria comer, mas não podia. Subiu as escadas, tomou um banho quente olhando o mofo. Enquanto a água caía, seus dedos magros dançavam sobre sua barriga como quem se despedia.

Desligou o chuveiro. Só seus olhos inchados choviam agora. Estavam machucados antes mesmo de começar e suas mãos tremiam enquanto secavam o corpo magro onde a barriga crescia. Entrou em seu quarto, trancou a porta sem fazer barulho. Não se despediu de ninguém naquela noite.

Abriu a caixinha de cd, com o corpo seco. Lá dentro, um papel embrulhava quatro comprimidos hexagonais. Brenda precisava colocar dois embaixo da língua, dois dentro da vagina, o mais fundo que pudesse. Caminhou em volta da cama por minutos enquanto pés descalços estalavam a cada curva. Sentou sobre o chão olhando seus guias espirituais.

Tinha ido na gira uma semana antes. Era gira de esquerda: exu e pombagira. Tudo estava vermelho naquela noite e as gargalhadas aconchegavam o coração de Brenda. Chegou sua vez de ser atendida. Uma pombagira a recebeu. Usava uma saia rodada, de babados, cada um de uma cor, e sorria todo o tempo com uma taça de vinho nas mãos.

Deu à Brenda um morango e perguntou como estava seu coração. Conversaram. Quando a menina virou seus olhos esbugalhados em direção à saída, foi chamada de volta.

**E O QUE VOCÊ NÃO TÁ ME CONTANDO?**

As pernas tremiam e a voz não saía.

## **ESTOU GRÁVIDA.**

Disse sem que ouvisse sua própria voz. A pombagira, no entanto, ouviu bem. Perguntou se era de quem tinham falado há pouco e se ele sabia. As lágrimas caíram: a resposta era sim, mas Brenda contou a escolha à entidade que mais se aproxima de seres humanos.

Nem gargalhou mais. Os olhos da pombagira se arregalaram e perguntaram os motivos. Ouviram com atenção. Mais uma vez, perguntou se não tinha outro jeito. Não tinha. Então aqueles braços calorosos deixaram de lado a taça e abraçaram Brenda. Iam interceder para que não se machucasse.

Ainda assim, a filha da orixá da maternidade não conseguia tirar os olhos de sua mãe Oxum. Seus olhos derramavam cachoeiras, pedindo perdão. Queria acender uma vela, mas não tinha coragem. Então deu a última volta pela cama e se deitou com a cura em mãos.

Abriu a boca e levantou a língua. Colocou ali dois dos hexágonos. Precisava esperar trinta minutos antes de engolir, até que se desfizessem. Afastou e dobrou as pernas magras. Com os dedos, inseriu em sua vagina dois daqueles comprimidos. O mais fundo que conseguiu.

Colocou um absorvente. Por horas, não conseguiu fechar os olhos, mas como sentia muita fome, então precisou dormir. Apagou as luzes, cobriu as pernas, apoiou as duas mãos sobre a barriga. Cochilou. Acordou após duas horas suando frio. Correu para o banheiro, queria ver se já sangrava.

Sempre soube que demorava horas para expelir. Tinha acompanhado muitas mulheres em seus abortos. Apesar disso, estava ansiosa. Olhou o absorvente completamente seco, não tinha sequer uma gota de sangue. Voltou para o quarto e se deitou de novo. Passou mal a noite inteira.

De repente, junto com o suor, o grito do útero. Nada podia

doer mais que aquilo. Eram as contrações. O citotec não faz nada com o feto diretamente, apenas adianta sua liberação. Era como o nascimento do que ainda não tinha vida. Brenda se contorcia e rolava pela cama, chorando ainda mais do que tinha chorado sentada aos pés da fé.

Queria gritar, mas não podia. Ninguém em sua casa sabia da gravidez, menos ainda do aborto. Sofreu em silêncio. Não sabe se desmaiou ou dormiu: sua pressão estava baixa quando os olhos se fecharam. Só acordou na manhã do outro dia, cheia de dores.

Mal conseguia se levantar. Queria ver se tinha sangrado mas estava fraca e precisava comer alguma coisa. Se apoiou nas paredes para levantar. Desceu as escadas cambaleando. Comeu uma bolacha de água e sal, quis vomitar. Subiu e foi direto para o banheiro, mas não podia vomitar: isso diminuiria o efeito do remédio.

Olhou o absorvente. Uma pequena borra de sangue, muito tímida e da cor de café como fim de menstruação. Devia comemorar. Mas se preocupou. Nunca tinha visto tão pouco sangue num procedimento. Comentou com Rafael e Paola, que a acalmaram. Ela só estava nervosa. Tinha dado tudo certo, sim. Brenda, no entanto, sentia o contrário.

Falou com sua fornecedora, que também disse estar tudo bem, era assim mesmo. Melhor ainda sangrar menos, ué. Se o método era relativamente seguro, não tinha porque se preocupar. Os olhos de Brenda murchavam a cada resposta positiva que recebia. Se sentia paranóica.

Paola devia saber que não era normal. Tinha visto o aborto espontâneo de sua cunhada uma vez. Pálida, a namorada de seu irmão estava sobre a privada, perdendo todo o sangue. O que escorria pelo chão deixava Paola paralisada. A mulher teve tuberculose durante a gravidez e sofreu um aborto espontâneo.

A mãe de Brenda tinha sofrido dois abortos também. O primeiro, foi antes da filha nascer. A menina se sentia culpada pelo segundo, que aconteceu quando sua avó estava internada.

A trombose a tinha derrubado. Brenda foi levantada por sua mãe, com uma gestação de risco, para dar um beijo em sua avózinha. Aquele foi o último beijo da avó na neta. Ainda antes da avó partir, o feto de sua mãe foi embora.

Sua mãe contava ter sangrado bastante. Brenda não se lembrava porque era muito pequena. Só sabia que em gestações de risco não se podia carregar ou levantar peso. Talvez não fosse responsável, mas se sentia. Era responsável agora pelo seu aborto induzido e tinha certeza de sua escolha, mas não do resultado.

Esperou alguns dias até poder ir ao médico porque tinha que aguardar o remédio sair do organismo. Um por um, se atentou aos absorventes que colocava sobre a calcinha. Sempre vazios. Brenda precisava ver sangue. Uma parte de si acreditava que tinha dado certo e era pouco por causa do início da gestação. Outra parte, implorava por misericórdia. Não suportaria passar por aquilo novamente.

Suas mamas permaneciam inchadas e seus quadris gritavam. Cada hora uma sensação diferente a convencia de que o feto ainda estava ali. A barriga continuava volumosa, a ânsia a tomava por completo, a tontura acariciava sua cabeça. E as dores no útero permaneciam, só tinha passado o suor.

O meu verso vem do busão  
Das várias horas de trajeto  
Do choro que é tradição  
De quem precisou arrancar o feto  
Da mulher que gritou a dor  
Na luta pelo seu teto  
Das pátria que gritou silêncio  
No sangue dos filho  
É amado antes do apertar dos gatilho  
Depois tá justificado  
Tava na hora errada  
No lugar errado



Vestiu nas pernas a estampa de soldado. O banho daquela manhã parecia o mais quente de todos. Não lavou os cabelos porque não queria sentir a dor de desfazer os nós. Mesmo assim, ficou horas embaixo do chuveiro, sentindo cada gota como tempestade. Eram lágrimas que combinavam com as que desciam dos seus olhos.

Sentia como punição o calor líquido e gasoso. Cada suspiro tirava um pouco do ar quente que impregnava nos azulejos brancos com detalhes azuis. Até pareciam nuvens no céu. Se olhasse para cima, no entanto, não veria nada além do preto da infiltração.

Bolas pretas. Umas pequenininhas, ainda encontrando espaço. Outras, imensas, se misturando aos furos do teto quase invisíveis. No banheiro sem pia, o teto pingava em dias de chuva. No banheiro com pia, não tinha privada. Era um sobrado mal acabado, talvez até mal assombrado.

Nos peitos, um sutiã. Odiava sutiãs e não usava nenhum há anos, mas não suportava o bater das mamas. Até andar era difícil. Seus peitos pareciam enormes, sua barriga, gigante e seu corpo, minúsculo.

Colocou uma camisa verde de grandes bolsos e botões dourados. As calças eram largas e masculinas. Vestiu então um terno preto, uma das poucas roupas de frio: odiava dias cinzas. Nos pés, uma sandália preta que a enchia de bolhas. Mas não se importava de machucar os pés naquele dia, tinha muito mais a perder.

Olhou no espelho mesmo sem querer. Nos últimos dias, espinhas tinham se espalhado pelo seu rosto tampando até as sardas. Não tinha forças para se maquiar. Se antes banhava o rosto em base, agora só queria contornar o sorriso. Não tinha batom que fizesse isso.

Naquele dia, a orquestra de Brenda ia tocar o útero, desafinada. Ia assistir na tela da ultrassonografia um feto morto. Era ele quem cantava a vida de quem o carregava. Qualquer agudo podia alterar batimentos cardíacos, pressão arterial e respiração.

Só conseguia pensar que aquela mania de quase sentir culpa por uma escolha tão certa era reflexo de sua infância. Foi no retiro evangélico que Paola experimentou maconha pela primeira vez. Também foi desafiada a batizar e batizou. Brenda era muito correta com a fé de seu pai. De certo modo, nunca tinha sido dela.

Apesar disso, carregava vestígios do véu que caía sobre sua cabeça. Se não estivesse tão certa, se culparia por causa dos ensinamentos religiosos. Se não fosse pela ideia divina, talvez ninguém se importasse, assim como não se importam com quem já nasceu, desamparado.

Brenda queria se livrar da prisão ao ventre. O julgamento era a culpa. A pena era o risco. Isso sem contar a solidão durante o processo todo. Brenda teve Rafael e Paola ao seu lado. Ninguém mais. Uns porque não sabiam. Outros não sabiam porque não concordavam. Não se pode confiar em ninguém quando se comete um crime. Talvez esse tenha sido o conselho mais sábio que Brenda recebeu durante aquele período.

Enquanto seus pés corriam sobre o degrau, Brenda lembrava que era sua primeira vez numa consulta ginecológica. Chegou ofegante em frente ao portão cinza de chapa, destrancou, saiu, trancou. Correu. Dessa vez, desceu a ladeira. Quase perdeu uma argola.

Quase perdeu o ônibus. Passou a catraca e sentou no último banco, do lado direito. Brenda precisava escrever. A cada suspiro posto naquele bloco de notas, um dó soava como dor.

Sua alma gritava um agudo de quebrar todos os vidros daquele ônibus. O calor da lotação e a dureza de um banco velho a fizeram poeta. O busão era seu primeiro palco. Escrevia bonito. E por sorte não tinha nome feio: quase se chamou Brenda, como é chamada aqui. Mas não tinha nome mais poético do que o que recebeu: lembrava amor.

Era o sentimento que existia por si mesma. Por amor, tinha decidido expelir. Por medo, escolheu uma ginecologista mulher. Não era à toa. Nunca tinha ido numa consulta dessas e

tinha trauma. Dos oito aos doze anos, Brenda tinha seu corpo invadido todo final de semana.

Desde então, confiar era um desafio. O receio não era exclusividade sua. Paola vivia o mesmo. Isso porque era lésbica. O sistema medicinal encontra dificuldades para examinar mulheres que não tiveram penetração. Inclusive com os exames que Brenda faria naquele dia: papanicolau e ultrassom transvaginal.

Aqueles olhos esbugalhados tinham se preparado, chegaram com antecedência. Brenda retirou a senha e sentou. Tinha marcado pela internet a consulta. Sem os exames, já gastava 100 reais e sabia que os exames seriam necessários. Só estava ali por eles.

Apesar de caro, o valor não chegava nem perto da cura. Quatro comprimidos custavam 460 reais e uma semana de espera, no mínimo. Brenda tinha esperado um pouco mais. Mandou entregar na casa de Rafael, porque não parava em casa.

Naquele dia, não tinha aceitado companhia. Era orgulhosa. Mesmo assim, logo cedo recebeu um desejo de sorte de Rafael por uma mensagem. Ele realmente acreditava que tudo daria certo. Tinha sempre muita esperança, diferente de Brenda e Paola.

Devia ser por causa do nome verdadeiro. Sua mãe amava a lua. Também desejava boas notícias. Deu ao menino nome de anjo mensageiro porque queria salvar o casamento e acreditava no filho mais novo como recomeço. Nem a lua, nem os anjos salvaram a união. Por fim, a mãe às vezes se confundia e chamava o filho de Rafael, que nem sempre trazia boas notícias. Brenda também não recebia boas notícias.

As mãos na barriga aguardaram. Brenda sentia a pressão baixar a cada minuto junto à sensação de fraqueza. Finalmente sua senha apareceu no painel. Tirou as mãos do ventre, colocou ao lado do corpo e pagou a consulta. Foi para a triagem.

Sua pressão estava mesmo baixa.

## **VOCE ESTÁ GRÁVIDA?**

Sua boca secou. Travou por segundos que pareciam horas. Finalmente respondeu.

## **NÃO QUE EU SAIBA.**

Brenda não sabia mentir: ao final das palavras, quase não respirava mais.

Esperou de novo. A senha foi exibida no painel, agora com o número da sala e nome da médica. Seguiu a passos pequenos e frios pelo corredor até que avistou a porta, pediu licença, entrou. Depois do bom dia, esqueceu tudo o que tinha ensaiado. Tentava manter a calma.

Explicou que era a primeira vez numa consulta ginecológica e que tinha medo. Precisou ir porque tinha sentido dor durante a menstruação. Não era verdade. Tinha sentido dor durante o aborto, até chorou ao citar os coágulos. Podia ser a mentira estampada em sua cara.

A médica inspirava confiança, mas nunca se deve admitir um crime. Os cabelos castanhos claros pediram que Brenda respirasse fundo. Antes, a menina pediu um ultrassom intravaginal, justificando que nunca tinha feito um desses antes.

Sangrar durante a menstruação era normal.

## **A MÉDICA DISSE QUE CÓLICAS E COÁGULOS FAZIAM PARTE DO PROCESSO. MAS FARIA DOIS EXAMES JÁ QUE EU NÃO ESTAVA CONFORTÁVEL.**

Com os exames, a conta aumentou. Trezentos e dez reais.

Fez o papanicolau. Sentiu a dor de expor sua intimidade. Aquele equipamento parecia afastar seus órgãos. De pernas abertas, Brenda gemeu de dor quando sentiu o espécuro. Pensou em Paola. Se Brenda sentia dor, então Paola sentia muito mais.

O pensamento foi interrompido por uma espátula de madei-

ra e uma escovinha que raspava o colo do útero. Nesse momento, mais lágrimas caíram. O material foi levado para o laboratório. Tudo doía. Mas precisava esperar o transvaginal.

Caminhou por novos corredores. Tinha sido atendida por uma profissional negra. A primeira que viu desde a chegada, era a enfermeira. A médica era branca: tinha olhos de cigana oblíqua. Orientou que Brenda tirasse a estampa militar e deitasse na maca sem calças e sem calcinha.

Um gel gelado entraria em contato com sua pele. Foi avisada. Na televisão, uma imagem.

### **SUA MENSTRUÇÃO ESTÁ ATRASADA?**

Brenda respondeu que não e que tinha menstruado há uma semana. Era a data em que sangrou após o citotec. Não podia dizer a verdade.

### **PARABÉNS, VOCÊ ESTÁ BUCHUDINHA.**

Mostrou o saco gestacional. Explicou com quantas semanas estava o feto. Lembrou que o coração ainda não batia. Quando retornasse, no entanto, já poderia ouvir os batimentos. Continuou falando, mas Brenda não ouviu mais nada. Sabia que precisava ter sangrado mais.

O útero corre  
Da vida vazia  
Segue a lida vadia  
Enquanto o sangue escorre  
Morre da hemorragia  
Se antes corria  
Agora  
Temia  
Sumia  
Sentia

Quando abriu os olhos, Paola trouxe sangue consigo. Por todos os lados: nariz, boca e ouvidos. O coração acelerado não a deixava levantar o corpo pesado. O quarto já estava claro, era dia. Sem qualquer controle, aqueles olhos agora cansados sentiam as pernas molhadas.

Paola urinou sobre si mesma enquanto expelia sangue também. Pesava toneladas e olhava para todos os lados sem entender o que acontecia. Sentia ser protagonista de um filme de terror. Vomitava muito sangue enquanto ouvia novas vozes. Seu coração só parou quando sentiu frio.

Um frio de arrepiar todos os pelos da pele, quase uma hipotermia. Não tinha controle algum sobre o próprio corpo e sentiu que estava morrendo. Com essa sensação, a paz invadiu seu corpo molhado com xixi e sangue. Fechou os olhos mais uma vez: achou que era pra sempre.

Não era. Sentiu seu corpo tremer com o soltar dos fogos. Com ela, Mel também se assustava e vinha lambe seu rosto de vez em quando. A cachorra se assustou tanto que pulou sobre a dona e patinou sobre o sangue seco do corpo de Paola.

Devia ter sentido falta da dona. Abriu a porta com a cabecinha. Sujou de sangue os seus pelos clarinhos. O chão de estrias lilás agora tinha vermelho jorrado por ele, sangue seco. Paola não tinha forças para se acalmar, mas conseguiu acalmar sua cachorra.

Ficaram juntas no chão, deitadas sobre a dor e ouvindo, de longe, os fogos. Imaginavam famílias felizes, à mesa, sorrindo e cantando. Comemoravam o nascimento de Jesus, enquanto Paola quase tinha executado sua própria morte. Só se levantaram depois de horas.

**EU ACHO QUE SOU VICIADA.**

Sem a droga, não chegava a querer vender sua cachorra, mas sentia falta. Cheirava todos os dias. Gastava 10 reais em cada pino. Jamais ofereceria pra alguém como sua primeira namorada ofereceu a ela. Talvez se sentisse menos culpada assim.

Sua primeira namorada não usava só cocaína. Nunca encostou a mão em Paola, mas deu a ela a farinha sem pestanejar. Era outra violência. Os olhos misteriosos sentiam ser tudo o que queriam depois da droga. Se sentiam vivos. Escreviam cadernos, cantavam óperas, dançavam tangos.

Sabia o quanto cheirar de acordo com o momento. O problema é que os momentos eram sempre tristes, então queria sempre esquecer. Cheirava até não saber mais o próprio nome. Afogava tudo. Ficava em paz. Tinha muita vontade de parar.

Seus olhos brilhavam ao lembrar que sua primeira namorada tinha sido internada. Era mesmo perigoso. Justificava que a mulher não usava só cocaína como uma forma de se afastar da possibilidade para si mesma. Paola até se esquecia do ódio sobre as quartas-feiras. Paola tinha se assumido lésbica numa quarta. Teve os dentes quebrados numa quarta. Apanhou da namorada numa quarta.



Para esquecer as dores  
Vomitava flores  
Para fugir dos amores  
Vomitava flores  
Para escurecer as cores  
Vomitava flores  
Para correr dos terrores  
Vomitava flores  
Para firmar seus tremores  
Vomitava flores  
Para agredir agressores  
Vomitava flores



Era quarta-feira. O frio abraçava Brenda cada vez que sua garganta sufocava. As pernas trêmulas já não suportavam o peso do sangue. Sentia sujar toda extensão de seu corpo a cada respiração. Suas mãos estavam afastadas. Prenderam seus cabelos.

Foram três hemorragias. Só na terceira teve coragem de ir à maternidade, a única da cidade e que ficava bem longe. Brenda chorava quando chegou ao pronto socorro obstétrico. Entregou documentos com pernas molhadas e sentou numa cadeira descascada. Ao seu lado, mulheres quase em trabalho de parto.

Rafael ia ao encontro de Brenda. Tinha insistido para que a menina fosse ao médico. Pagou até a viagem de carro porque era madrugada e não tinha ônibus. Também não dava pra andar de ônibus como estava. Paola não parava um minuto de mandar mensagem. Enquanto esperavam, os gemidos de Brenda olharam ao redor. Mulheres, em sua maioria negras, com filhos e sem companheiro ou companheira.

Uma delas, estava com uma criança de quatro anos, mais ou menos. Era um menino e parecia assustado ao ver o desespero da mãe. Todas as mulheres passavam pela triagem e voltavam com lágrimas nos olhos. Algumas berravam a revolta pelo atendimento, outras sorriam nervosas a dor que sentiam. Tinha também quem não fazia nada além de contorcer o corpo.

Era o caso de Brenda. Na triagem, descobriu pressão baixa e febre alta. Não conseguia mexer os braços para o exame porque não tinha forças e sentiu no corpo a truculência da enfermeira. Uma mulher negra, alta, de dedos magros, bastante cansada. Já era tarde quando Brenda explicava o que tinha acontecido.

Sua voz tremia a cada palavra declamada.

## **EU DISSE QUE ESTAVA GRÁVIDA, MAS POUCO DEPOIS DE DESCOBRIR, COMECEI A SANGRAR E SENTIR MUITAS DORES.**

Ao mesmo tempo, queria gritar ter feito um aborto. Queria militar, pintar o rosto, erguer cartazes, cantar gritos de guerra. Mas não podia.

Rafael já tinha chegado e esperava Brenda no banco descascado. Aqueles olhos espertos estavam tristes e sentiam culpa. Pensavam ser os culpados daquela dor. O rapaz tinha mania de carregar culpas que não eram suas.

A consciência que desbota  
É mesmo do menino armado  
Que arma o risco no rosto  
Desde que escolheu seu lado  
Lado de quem a contragosto  
Vive violências do estado  
Mesmo assim  
Grita forte  
Esqueceu de ficar calado  
Porque sabe que é amado  
Pela mãe que talvez vire um dia  
Mães de Maio  
Mães da Leste  
Mães de Osasco  
As Maria

Trabalhava com o pai na cidade interiorana, à tarde, fazendo artigos de bambu para vender. À noite, no caminho da escola, entregava as mercadorias. Nesse dia, o fluxo foi outro: recebeu uma ligação. Sua mãe, uma mulher bissexual, tinha visitado a companheira e passou mal numa cidade vizinha. Não parecia nada grave.

Era alguma coisa, sim. Foi a primeira internação da mulher que falava alto e não aceitava desânimo. Estava fraca, mas ain-

da não parecia ser nada preocupante. Iam fazer alguns exames. A vida continuou.

Os olhos ligeiros foram a uma festa com um amigo. Rafael vendia muita droga nesses espaços. Deixou o celular no carro para não ser incomodado pelos usuários de pó. Quem vende cocaína, não tem paz. E nessa época, ele vendia. Aproveitaram o rolê de rock. Saíram umas três horas da manhã e queriam emendar outro bar ou balada. Mas Rafael olhou o celular primeiro.

Uma mensagem não lida.

### **SUA MÃE PASSOU MAL.**

Rafael voltou para casa. Dessa vez, se preocupou tanto que revirou o corpo sobre a cama a noite toda. Fumou mais maco-nha que o normal. No dia seguinte, ligou para sua mãe. Quase não a ouvia. Não tinha voz. Também parecia sem forças. Rafael suspirou, seus olhos se encheram de lágrimas.

Uma semana depois, a mãe de Rafael foi transferida para o hospital do coração. Recebeu a visita do filho caçula. Nada doeu tanto como aquela cena. Olhos murchos, rosto pálido, boca fechada. Se, naquele dia, o filho conteve as lágrimas, hoje não consegue mais.

### **ELA TAVA SENTADA LÁ COMO SE FOSSE UM NADA, TÁ LIGADO? VELHO, COMO SE ELA FOSSE UM LIXO.**

A mulher habitava uma cadeira de rodas no meio do corredor. Por fora, já parecia sem vida. Era dia das mães e Rafael voltou para casa sem a sua. Tinha feito um monte de exames. Depois disso, voltaria ao convênio. Mas recebeu alta. Foi para a casa da avó de Rafael, mais perto do hospital.

Foi visitada pelo filho ali também, no final de semana. Rafael sabia que tudo ficaria bem. Sua mãe era forte. Resistiria. Estava sobre a cama da matriarca da família, a avó. Antes de gritar a

dor da saudade, Rafael se despediu. Sem dizer adeus.

Viu faltar a voz. Sentiu as mãos fracas. Arrancou sorrisos tímidos. Também falou sério.

### **SE VOCÊ CONTINUAR NO CAMINHO TORTO, VOCÊ VAI TROPEÇAR E CAIR.**

A voz era fraca, mas era voz de mãe. Rafael não tinha mais cordas vocais. E também não ouviu. Enforcado pela própria dor, sentiu o pulsar da garganta. Podia ter ouvido. Se a fé é em dobro, o cuidado também.

Foram dias cinzentos os que se seguiram. Parecia faltar alguma coisa, sobrava tristeza. O despertador não tocou naquele dia, mas o celular de Rafael tocava, recebia uma ligação. Era seu pai. O filho devia ir até São Paulo ver sua mãe porque ela tinha piorado. Teimoso, o menino não entendeu. Ou não quis entender.

Tinha visto sua mãe há dois dias. Estava tudo bem. Seu pai insistiu. Desligaram o telefone. Com as mãos inquietas, Rafael ligou no celular de sua mãe. Cada toque parecia um ano. Um ano sem o abraço da mãe. Foi atendido pelo tio.

### **PERGUNTEI O QUE TAVA ACONTECENDO, QUE NINGUÉM QUERIA ME CONTAR. MEU TIO RESPONDEU: SUA MÃE MORREU, RAFAEL.**

Foram quatro paradas cardíacas que embriagaram a história daquela família. Sobre a cama da avó, ao lado do quarto onde Rafael vive hoje, sua mãe suspirou a dor. Cada parada foi testemunhada pelo cômodo pequeno. Sobre a cabeça de sua mãe, o quadro que foi de seu avô e permanece velando o choro de sua avó.

Olhando a janela raras vezes aberta, o coração falhou. Ficou só o colar de pedras e coração verde que Brenda recebeu de presente. Faltou batimento. Faltou fôlego. Faltou ar. Faltou vida. E Rafael não estava lá. Carregaria essa culpa consigo ao lado da saudade, por toda sua vida.

Brenda via nos olhos dele lágrimas iguais as suas. Queriam lavar aquele sangue. Fugir daquela culpa que não tinham. Rafael abraçava forte aqueles olhos murchinhos. Os colocava contra seu peito e suspirava até soluçar. Guardava a dor para parecer forte.

Brenda foi ao banheiro três vezes trocar os absorventes. O sangue escorria pelas pernas e sujava as calças de camurça marrom. Quando voltou, da última vez, Brenda foi chamada para a consulta. Rafael foi com ela. Caminhou pelo corredor ao lado do companheiro.

Pedi licença. Não recebeu nenhuma palavra. Só o olhar da médica. A ginecologista esperava ouvir aquela voz trêmula. Devagar, Brenda vomitou sua dor. Tinha sentido fortes dores, começado a sangrar e expelido o saco gestacional em suas próprias mãos. Foi interrompida pela dor aguda que sentia e suspirou.

Pernas de terra batida  
Da cor, da força, da sina  
Labuta, a cor de quem morre em chacina  
A mesma de quem se entrega à cocaína  
De quem a justiça elimina  
Na vida  
A carne mais barata é ainda  
Além de a mais temida  
A mais tremida  
Mesmo quando recebe anestesia

Depois da primeira tentativa, precisou fazer de novo o procedimento. Enquanto comemoravam o ano novo, Brenda abria as pernas, mais nervosa do que antes. Embaixo da língua, dois comprimidos. Na vagina, os outros dois. Dessa vez, não dormiu. Ficou acordada. Repetiu o jejum. Não comeu depois do procedimento.

Foi até a feira. Sentiu contrações que a fizeram roer as unhas.

Caminhou pelo bairro com sua mãe sem transparecer nada. Por dentro, era inteira dor. Voltou para a cama. Começou a sangrar muito. Foi fazer o almoço. Não sentia suas mãos. Suava frio.

Sentou no sofá vermelho onde teria sua primeira hemorragia. Sentiu alguma coisa saindo de dentro de si. Parecia sólido. Chorava. Parecia sentir o que era. Subiu as escadas devagar. Suas pernas falhavam. Entrou no banheiro de céu mofado. Tirou a calcinha, viu alguma coisa caindo. Segurou com as duas mãos.

Queria gritar. Olhava para o saco gestacional. Parecia um coágulo firme. Lá dentro, um feto menor que o dedão. Sequer teve tempo de pensar. A primeira hemorragia veio ali mesmo. No chão do banheiro. Doía demais. Sangrava mais ainda. Inundou o chão de vermelho.

Se contorcia deitada sobre seu próprio sangue, ainda com o saco gestacional nas mãos. Se levantou devagar, apoiando nas paredes. Jogou no vaso o que segurava. Apertou a descarga. Entrou no banho com roupa mesmo. Não tinha forças de tirar. Sentou no chão e deixou a água cair sobre seu corpo. Só sabia chorar. Suas lágrimas lavaram o sangue.

Perdeu tudo aquele dia. Mas perderia ainda mais, quatro dias depois. Era a segunda hemorragia. Sentada no sofá da sala, com a família enquanto recebiam convidados naquela noite quente. Os dois absorventes noturnos que usava não seguraram a dor. Sentia partir o seu útero. Manchou o sofá com seu sangue na frente de todos.

Ouviu que precisava ir ao médico. Mesmo quem não sabia, reconhecia. Saiu sujando as escadas enquanto subia para o quarto. Entrou mais uma vez no banheiro. Aquele era seu templo de sangue. Via cair os coágulos. Enfraquecia as pernas. Precisava sentar.

Sobre sua cabeça, caía mais que água. O aperto no peito vinha como um tapa. Precisava ser medicada, mas tinha esperanças. Talvez até da morte. Talvez, de expelir tudo. A cada

hemorragia, pensava ser a última vez. Não era. Ficou horas no chuveiro naquele dia. Até que sua mãe a mandasse sair.



Pensou ter sido descoberta. Não tinha sido. Era pelo valor da conta no fim do mês. Assim que colocou o absorvente, precisou sentar sobre o vaso. Já tinha sujado todo o chão branco outra vez. Ficou assim por dois dias. Saía dali para comer. Felizmente, ninguém percebia.

Foi sobre sua cama a última das hemorragias. Sentia escorrer por suas pernas mais sangue do que o derramado nas chacinhas. De tanto gritar “quero ver sangue”, agora via. Pensava nas mulheres negras que viveram a escravidão. Que morreram, aliás. O aborto devia começar naquela época. Não iam querer ver o

chibatar nas costas de um filho. Não iam querer um filho sem pai. Não iam querer o filho de um senhor.

Brenda era marcada pela guerra civil em sua cidade. Tinha ódio naqueles olhos esbugalhados. Não tinha tempo para reclamar porque o foco era sobreviver. Não derramava lágrimas facilmente. Se fingia forte o tempo todo. Sua chefe uma vez disse que tinha quem reclamava à toa e tinha quem devia reclamar, mas fechava a boca e se construía fortaleza. Brenda era do segundo grupo.

Se te incomoda  
O meu verso agudo  
Imagine o grito mudo  
De quem se fez calar

Eram só cinco da tarde  
Pés descalços  
Roupa larga  
Rosto limpo  
Vestimenta sem marcar

Mas as marcas de sangue  
Que alguém deixou  
A roxidão da pele  
O ferimento que ainda não secou  
Não cicatrizou

A dor que ela sentia  
Não passou  
Sua moral doía  
Pelo sangue  
Pelamô

Se alimentava dos traumas. Perdeu sangue pela primeira vez aos oito anos. Era amigo de seu pai o homem branco, alto, de



olhos verdes, 54 anos. Embaixo das unhas, o preto do cimento. Sobre a cabeça, cabelos brancos e lisos. Um nariz deliberadamente grande e um pouco torto. Usava calças jeans e camisa. No bolso, só a carteira, a chave e o cigarro. Às vezes, uma faca.

Brenda o conheceu numa tarde nublada, ouvindo que era como um avô, segundo seus pais. Aquele homem tiraria sua vida. A propósito, a vida não se tira só quando acaba o ar e os batimentos. Nada doía tanto quanto morrer viva.

A menina vestia uma saia azul de renda. Uma blusa branca. Uma calcinha de flores arrancada à força. Seu pai não a deixava abraçar homens, era religioso, rústico e moral. Pediu à filha que mostrasse a casa para a visita. Foram até o lado de fora da casa. A menina contou, alegre, que teria o maior quarto de todos. Estavam na única parte coberta do quintal, onde ficavam algumas plantas e a rede. Trovoava.

Ouviu do homem que ia chover e, por isso, precisavam ficar ali debaixo. Ele estava certo. Os pingos começaram a cair. Brenda pensava ser legal conhecer um avô, mesmo de mentira. Tinha perdido a avó há dois anos e não tinha conhecido os outros. Morreram antes da menina nascer.

Os pensamentos mudaram. Queria sair correndo dali de baixo. Sentiu as mãos grandes, geladas e cheias de veias apalpando sua vagina. Não conhecia dessa maneira: nem sabia o nome daquele órgão. Tremeu de medo. Seu coração palpitava. Anos depois, sentiria isso todos os dias ao descobrir a síndrome do pânico.

Enquanto uma mão estava ali, outra subia pelos peitos que nem existiam. Era uma criança. Seu corpo gelava a cada movimento. Sua cabeça doía de medo. Pediu que o homem parasse e ele respondeu que ela ia gostar. Todo mundo gostava quando mais velho. Continuou. Num acesso de raiva, a menina saiu correndo em direção à porta da cozinha. Queria entrar em casa.

Não foi possível: a porta estava trancada. Os pais tradicio-

nais tinham se esquecido da filha, que foi puxada pelo homem de volta. Em tom de ameaça, disse que ela podia se molhar. Debaixo daquele incômodo, Brenda teve as mãos seguradas até o órgão ereto enquanto se perdia na respiração.

Sentiu um dedo fazendo pressão contra seu ânus. Sentiu a maior dor da infância. Abriu a boca. Ia gritar. A mão desocupada foi de encontro à boca da menina enquanto caíam lágrimas daqueles grandes olhos. Na mesma hora, Brenda foi empurrada contra a parede de reboco.

A menina ralou os braços. Não era nada perto da próxima dor. Sentia muito frio. Ventava muito. Quando o dedo saiu de onde estava, Brenda nem pode suspirar de alívio. Antes que agradecesse pelo fim, sentiu algo muito maior pressionar sua vagina. Quis berrar. Um braço tampou sua boca enquanto sangue escorria por suas pernas. Suas lágrimas foram interrompidas pelo barulho da chave. Lembraram da menina.

O homem fechou as calças. Enxugou as lágrimas de Brenda. Pegou uma blusa no varal e enrolou em volta da criança. Eram três trancas na porta, muito barulhentas. Enquanto abriam, o homem dava as cartas: a menina devia ir direto para o banho. Sem dizer nada. Sem chorar. Tinha uma faca na cintura do estuprador.

Quando a porta se abriu, sorrisos.

### **FINALMENTE VOCÊ LEMBROU DA GENTE NESTA CHUVA, HEIN?**

O pai de Brenda agradeceu pela blusa em volta da menina porque estava mesmo muito frio.

Brenda trancou a porta do banheiro. Banhou as águas com sangue. Chorou amargamente. Morreu. Não sabia que era só a primeira vez. Morreria por quatro anos, todo final de semana. Era uma dor que não cabia dentro daquele corpo pequenininho.

Dos oito aos doze anos, Brenda carregou sangue consigo. Cada sábado doía no peito como um infarto. Uma voz fazia

ecoar do lado de fora do portão de chapa cinza. Do lado de dentro, uma voz se calava. Faltaria fôlego por toda a vida da menina dos olhos esbugalhados que queriam se fechar para sempre. E deixar de sentir dor.

Não conseguia mais andar. Tinha crescido, mas o corpo continuava pequeno. Comer não era uma opção. Estava sentada sobre o colchão. Sentiu sangrar. Viu o sangue se espalhar. Não tinha forças de levantar e ficou paralisada naquele mar vermelho. Avisou Rafael. Não teve conversa. Tinham que ir ao médico.

Sequer sabia responder a médica. Foi questionada sobre ir antes ao hospital. De ônibus, a viagem durava duas horas, da sua casa à maternidade. Explicou a distância. Toda de branco, a mulher mandou Brenda tirar a roupa e se deitar na maca. O corpo todo estremeceu.

Se levantou com ajuda de Rafael e caminhou até a parte de trás da sala, dividida por uma chapa de plástico branca. Precisava ficar sozinha. O companheiro voltou para perto da médica.

### **DAQUI UM ANO VOCÊS TENTAM DE NOVO.**

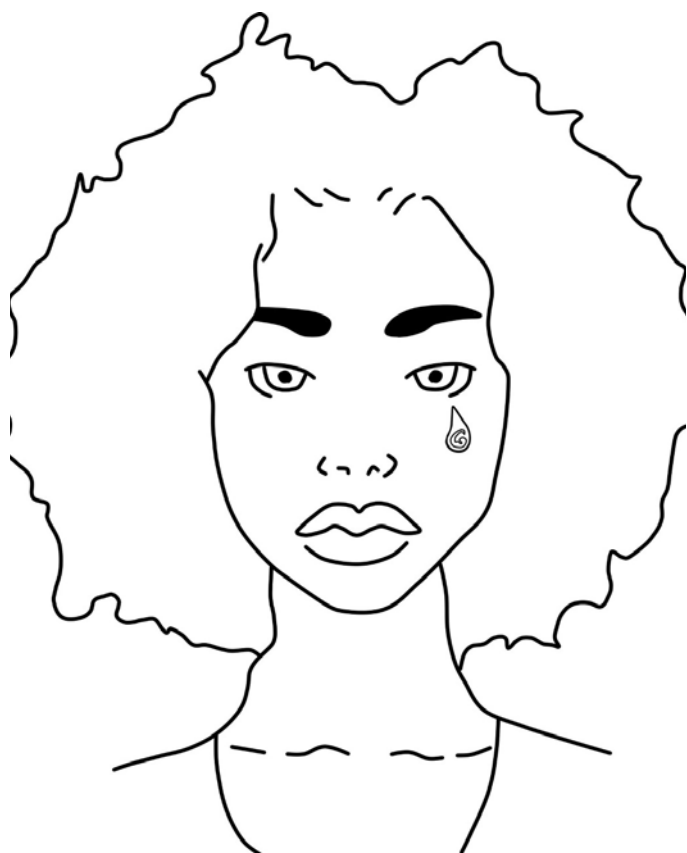
A voz solidária abraçava as lágrimas de Rafael.

Brenda quase não aguentou tirar as roupas. Encolheu o corpo para tirar os tênis. Tirou a calça. Suas penas estavam vermelhas igual terra batida. Quando abaixou a calcinha, coágulos encontraram o chão. Se deitou sobre a maca. Chorava. Sangue jorrou quando a médica fez o exame de toque.

Não avisou que faria. Só pediu que a menina abrisse as pernas com joelhos em direção ao teto. Enfiou o dedo indicador na vagina em direção ao útero. Brenda sentiu raiva. Muito além de dor. Gritou uma dor aguda e fechou os olhos por alguns segundos. Quando abriu, toda a sala era sangue. Ninguém mais seria atendida ali naquele dia.

Colocou a camisola da maternidade. Foi medicada. Tiraram

seu sangue. Deram remédios na veia sem Brenda saber quais eram. Tudo doía. Rafael precisava ir porque Brenda seria internada. Precisava fazer uma cirurgia com urgência.



Paola também precisava de atendimento médico depois de onze anos vomitando. Todo dia, botava flores para fora. Os olhos misteriosos fingiam estar no controle e pensavam lidar bem com a crise. Talvez, vomitar também fosse um vício. Como cocaína. Era parte da rotina: um dia sem vomitar, era um dia estranho.

No começo, chorava. Depois, seu corpo tremia. Tinha picos de adrenalina. Por fim, se queimava com o cigarro. Sentir mais dor era um alívio. Mantinha consigo uma relação tóxica, assim como mantinha com comida.

### **EU SINTO NOJO DAS DUAS.**

Talvez por isso expulsasse comida como queria expulsar a vida.

Fumava cigarros o tempo inteiro. Na prisão, por onde Paola jamais passou, os maços eram moeda de troca. Os descabelados, que não tinham ninguém, eram pagos com cigarro. Lavavam roupa em troca deles. Quem precisava sustentar família também, porque mandava o cigarro para a mulher vender lá fora.

Livre, Paola tomava bastante água. Talvez isso mantivesse Paola viva. No cárcere, onde estava Rafael, a água era da pia do banheiro usado por trinta pessoas no centro de detenção provisória, por vinte e cinco no sistema penitenciário. Era no banheiro que habitavam os percevejos. Os mesmos que faziam morada na parte íntima daqueles homens, quase todos negros.

Paola cheirava muita cocaína. No cárcere, a farinha era pouca e era cara. Maconha também não era barata. Drogas vinham

de quem devia fiscalizar, já que dinheiro move o mundo. O celular também passava pelas mãos dos agentes.

Paola não comia. Atrás das grades, tinha que comer. Se não comiam, o estado era omissivo. Não importava qual o cardápio. No centro de detenção provisória, tinha barata na segunda. Pedra na terça-feira. Caco de vidro na quarta. Pedra de sal na quinta-feira. Paola até se sentia culpada por não comer a comida fresquinha que sua mãe preparava ao pensar nisso. Se sentia privilegiada.

Tinha comida em seu armário. Comida boa. Mas não conseguia manter dentro de si. Quando preso, Rafael só queria ver a família e comer a comida de casa. Paola se odiava por vomitar e também se odiava por comer. Ficava quatro dias sem se alimentar.

Sua barriga gemia de dor, enquanto sua namorada implorava que comesse. Era a única que sabia da bulimia. Geladeira cheia, corpo vazio. Paola pesava quarenta e sete quilos e achava ter controle sobre sua fome. Não aceitava as palavras de ninguém.

Só ouvia o roncar de seu estômago quando era confrontada. Não podia definhar. Tinha que se alimentar. Sobreviver. Não adiantava falar. A namorada das mãos que a enforcaram então partia para a força bruta. Era como um instrumento desafinado: queria entoar uma melodia, mas não sabia. Errava. Machucava os ouvidos.

### **VOCE TÁ FEIA, TÁ ACABADA!**

O corpo de Paola gemeu inteiro, aprisionado naquelas palavras. Ouvir aquilo doía demais. Sentia fome de amor. Saiu da sala de cortinas pretas chorando o seu corpo que parecia anorético, mas não era. Não tinha forças nas pernas, mas correu pelas ruas estreitas do bairro.

Se sentiu um lixo. Não era atraente. Não era digna de amor. Mais uma vez Paola não era suficiente. Quase não conseguiu abrir o portão de casa. Suas mãos tremiam. Caminhou até a

cozinha. Sua pressão caía. Seus olhos escureciam. Vozes ecoavam. Ia desmaiar.

Não podia, senão teria que tomar soro. Sua mãe descobriria pelo inchaço naquele corpo magro. Decidiu comer. Pegou um pedaço de queijo pensando no baixo teor de carboidrato. Mas tinha compulsão alimentar. Nunca esteve no controle. Comeu o queijo inteiro. Preparou um miojo. Saboreou três barras de chocolate branco.

Na última mordida, culpa caiu como um elefante sobre o corpo magro de Paola. Sentia nojo de si mesma. Era desesperador habitar aquele corpo sujo. Precisava se livrar de tudo. Se sentia fracassada não por querer vomitar, mas por ter comido. Tinha deixado a fome dominar seu dia. Foi até o banheiro.

Quando nova, usava escova de dentes. Depois, escova de cabelos. Agora, não precisava de nada. Era natural. Não precisava nem dos dedos, às vezes. Vinha com a força do pensamento. Apesar disso, desesperada, enfiou a escova de dente em sua garganta sem qualquer delicadeza.

Queria se machucar. Colocou tudo para fora. Dores. Amores. Sabores. Por minutos, sentada com o corpo tonto e a cabeça quase dentro da privada. Sentiu a visão escurecer. A escova escorregou de seus dedos fracos. Sua cabeça também caiu. Ambas no mesmo lugar. Dentro das tristezas que Paola colocou para fora.

Acordou com sua namorada chorando sobre seu corpo. Tinha a chave da casa. Foi se desculpar pelo que disse e encontrou Paola no chão. Suja. Desacordada. Fétida. Gritou no portão e não foi respondida. Resolveu entrar. Felizmente.

Tinha sangue saindo da boca de Paola, mesmo desmaiada. Acordou. Não enxergava ainda. Só ouvia uma voz distante pedindo desculpas. Choraram juntas. A namorada não se importou com o sangue ou a sujeira. Ficou ali também. Beijou Paola. Deu banho. Lavou o cabelo. Secou o corpo magro. Colocou a roupa. Levou para a cama.

Abriu a latinha. Colocou dois rivotril na boca de Paola. Sabia

do que ela precisava.

### **EIA SABIA EXATAMENTE COMO CUIDAR DE MIM.**

Acariciou os cabelos da menina fraca até que dormisse. Depois, limpou o vômito. Secou o sangue. Desfez qualquer vestígio daquela crise.



Na cadeia, não podia ter crises. Onde o comando reina, não pode ter derramamento de sangue segundo as regras das grades. Apesar disso, Rafael desconfiava de dias calmos. Tanto na prisão, quanto na quebrada. Lidava melhor com o caos instalado.

Tinham saído para o sol da manhã, mas Rafael não foi nesse dia. Queria assistir desenho no pátio com um amigo. A televisão 14 polegadas o fazia distrair e desenhos o faziam rir. Ficaram os dois e o responsável pela limpeza, o faxina. Ia lavar umas roupas, varrer o chão, dar uma arrumada.



O tempo passava devagar, mas assistir ajudava. Já tinham pago o almoço. Pagar é como um verbo que se adequa. Pagar o almoço: entregar o almoço. Pagar a pena: cumprir a pega. Pagar a faxina: fazer a faxina. Pagar a luva: lavar as mãos. Pagar a ducha: tomar um banho.

Era hora do sol da tarde e tudo ainda permanecia quieto demais. Se passarinhos voassem onde o sol nasce quadrado, daria pra ouvir mais que o canto. Daria pra ouvir o bater das asas. Mas ali não tinha passarinho, só urubu sem asa.

O silêncio foi interrompido quando gritos invadiram o seguro. É onde ficam os coisa. Coisa é quem aplica golpe em senhora, quem tá devendo pra alguém, quem é de uma facção rival, quem rateou alguma coisa do comando, quem caguetou. Dois homens que fizeram alguma dessas coisas berravam.

### **ESSE CARA VAI ME MATAR!**

Foi tudo tão rápido. Agentes de um lado para o outro. Gritos cessando aos poucos, vozes falhando, outros sons cantando. O pátio arregalou os olhos quando viu sangue dentro do seguro. Olharam com mais atenção, enquanto desvendavam o acontecido. Um dos homens segurava muito sangue em suas mãos naquelas paredes de reboco. Parecia alguma coisa sólida embrulhada no vermelho do sangue. Era o coração do homem morto.

Vou te colocar andando no pasto  
Em círculo embaixo do sol  
Do jeito que eu fiquei  
Com comida fria e água quente  
Banho gelado  
Saudade insistente

Por muito tempo, Rafael pensou matar o responsável por estar ali. Tinha ido cantar num domingo, dia de show. Comentou

com uns amigos que foram com ele e ficaram no celular todo o tempo durante a apresentação. Diziam na ligação que ainda não tinha acabado, podiam ficar tranquilos. Rafael era desconfiado mas manteve o foco na música, seu maior sonho.

Precisava cantar. Tinha perdido sua mãe há um mês e não havia cura maior que os palcos. Segurava o microfone com força. Parecia a última vez e podia ser, se as grades prendessem seus sonhos. Mas não prenderam. Voltou para casa pelas ruas íngremes do interior com sua namorada ao lado.

Em sua rua, foi recebido por algemas. Estava preso. Dois homens seguravam uma mochila cheia de drogas, que tinham roubado da casa de Rafael. Os vizinhos perceberam o assalto e chamaram a polícia. Prenderam três de uma vez só, dois como “nóia”, um como traficante.

Tinham traído alguém que conheciam há anos. Rafael só tinha problemas com um deles que o roubou no passado. Agora, ia preso respondendo pela cocaína que ainda vendia. Conseguiu dizer que os pés de maconha eram para uso próprio. Mesmo com uma pena a menos, pegou cinco anos.

Não sou santo  
E meu canto  
É de pecador

Não sou branco  
Mas pra ser franco  
Já fui vapor

Pela paz lutei tanto  
Perdi o encanto...  
Perdi meu amor

Agora só quero um banco  
Um suco de morango  
Uma rede e meu chapéu de pescador

Quando ia pra São Paulo, via a muralha de dentro do carro. Era uma criança e nunca pensou que um dia seria ele. Usava tênis cinza e verde da Nike. Pernas cobertas por uma calça preta. No peito, camisa polo azul de listras brancas. Por cima, um agasalho de lã cinza. Uma corrente de prata balançava o pingente sob a aba do boné azul que combinava com a camisa.

Tinha assistido o jogo do Palmeiras enquanto sua namorada pintava as unhas de vermelho. Sorriu para ela. Era o último sorriso em dois anos. Passou a noite na delegacia. De manhã, foi para o IML. Depois, avistou aquela muralha. Recebeu uma calça bege, uma bermuda bege, uma camisa branca. Com essa roupa, o agasalho e o tênis que vestia, passou um mês, até que seu irmão fizesse a primeira visita.

Recebeu um gilete usado que quase não tinha navalha. Preto de sujeira. Tinha que fazer a barba. Um cara vestido como ele perguntou qual o b.o.

### **33, MAS SOU INOCENTE!**

Do outro lado, um sorriso:

### **AQUI TODOS SÃO.**

E muitos eram, de fato. Como dois meninos evangélicos presos pelo tráfico do irmão caçula e menor de idade.

Estavam numa cilada. Não podiam entregar o irmão porque se fizessem, seriam condenados por alienação de menores. O menino não estava em casa quando os policiais chegaram com um mandato. As drogas estavam naquela construção simples, no quarto dos fundos. Os que estavam em casa, os dois meninos crentes, foram presos. Pegaram seis meses de detenção provisória. Não eram culpados, mas eram negros do tom mais escuro.

Rafael perguntou se quem cortava o seu cabelo era preso.

## **IGUAL VOCÊ.**

O homem respondeu com naturalidade um discurso pronto, mas parecia temer alguma coisa. Mais tarde, Rafael saberia que esse trabalho é visto como cagueta. São os chamados kgb. Trabalham internamente junto aos agentes e diretores. Cortam o cabelo de quem chega da rua e limpam as salas. O julgamento pelo comando é bem pior do que o da sentença nesses casos.

Atracou no prédio às 10 da manhã. Só depois de 3 portões de grade, após as celas em forma de “u” e além da quadra de cimento no meio, dois presos receberam Rafael. Mandaram entrar na primeira cela.

### **QUAL O SEU B.O?**

Respondeu, **33**.

Perguntaram a cidade. Respondeu.

Aqui temos algumas regras de convivência, pede licença pra tudo, não se fala palavrão, banho todo dia, não fala com ninguém sem ter escovado os dentes, usou o boi paga ducha. Vai alimentar faz a luva, respeito com o próximo, na visita temos que ter atenção em dobro, mas hoje ainda é segunda. Então no meio da semana a família do seu barraco te explica como funciona. Você tem 2 olhos, 2 ouvidos e apenas 1 boca que é pra ver e escutar mais do que falar.

A visita era o momento mais rígido. Não podiam olhar nos olhos das visitas dos outros. Precisavam virar o rosto e o corpo para a parede, com mãos na frente do corpo se passassem por alguém que fosse visitar outros presos. Era proibido deixar a cueca à mostra ou coçar qualquer parte, inclusive os braços.

O encontro com os familiares acontecia nas celas mesmo, igual as visitas íntimas. Nessas, também não podia fazer barulho. O espaço era dividido por panos e uma música era tocada ao fundo. Qualquer gemido era repudiado. Precisavam apren-

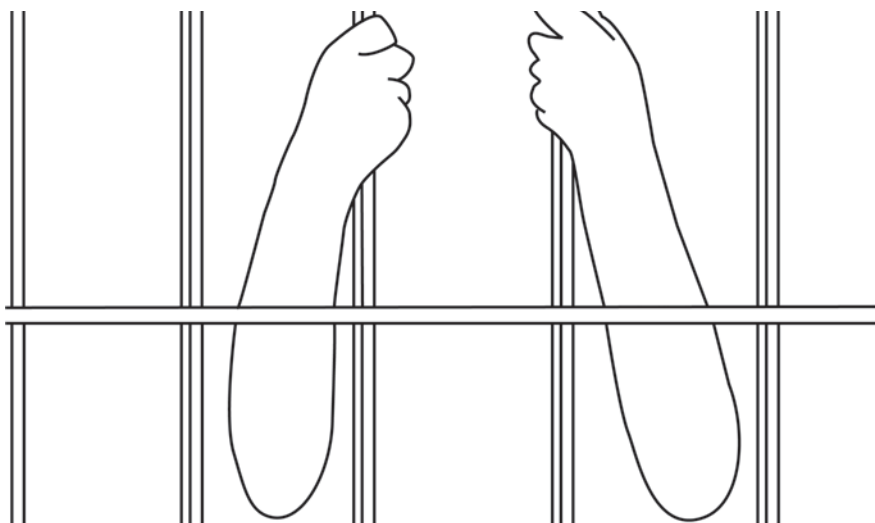
der a conviver coletivamente e respeitar o espaço do outro.

Rafael não estava com medo, mas precisava ser forte.

### **UM OLHO NA GRADE, UM OLHO NO SONHO.**

Na primeira noite, acordou assustado no mesmo horário em que iria ao trabalho. Não tinha mais trabalho. Só um guarda com a lanterna naqueles olhos espertos gritando ser hora da contagem. Quem tá preso, só tem uma certeza. Uma hora vai sair. De pé ou deitado.

Na grade,  
Saudade  
Da pipa  
Da laje  
Do Rap  
Do Funk  
Do sol  
De não ficar só



Meu cabelo crespo  
Encrespa seu bolso liso  
Minha pele escura  
Escurece o seu sorriso  
Minha ancestralidade  
Ancestraliza teu pecado  
O meu certo agora  
Acerta seu erro passado  
Me pedem silêncio  
Pra silenciar tua conta  
Tontura, tortura, tintura  
Minha resistência é só a ponta  
Na base dessa cadeia  
Destrancamos cadeados  
Liberdade desfaz laços  
Mas me enlaça nos passados  
Mais vadia a vida sinto  
Sentindo força de preto  
Das prisões, vida ou morte  
Matando seu preconceito

Brenda deitou sobre outra maca. Dessa vez, com carrinhos nos pés. Só via o teto encardido daquele hospital. Atravessou muitas portas. Empurrada por um enfermeiro, viu mulheres caminhando para aumentar contrações. Ouviu outras mulheres reclamando porque não queriam cesárea.

Chegou à sala de cirurgia gelada. Sentou sobre a maca com os olhos marejados. Tinha sangue sobre as grandes fraldas. Um enfermeiro de olhos castanhos segurava as mãos de Brenda e pedia calma a cada gemido. Pediu licença para tirar aquela fralda molhada. Brenda precisava levantar os quadris mas não conseguia. O enfermeiro a ajudou. Tirou a fralda e colocou um lençol para cobrir aquelas pernas marcadas. Jorrou sangue sobre o lençol até escorrer pelo chão. O enfermeiro disse que não tinha problema: em breve o médico chegaria.

Não chegou. O enfermeiro permanecia ali ao lado de Brenda, que sentia frio. Seu corpo tremia. Sua boca soluçava. Seus olhos fechavam a cada contração. Com a dor, vinha muito sangue. Os lençóis brancos já estavam vermelhos. Ao seu lado, tinha uma luz que parecia uma lanterna de tanto que incomodava a vista. Enquanto sentia a luz nos olhos, o médico chegou. A anestesista, não.

Não podiam começar ainda. Brenda achava que tudo aquilo ia acabar, que era o fim. O pensamento foi interrompido pela voz da anestesista, que chegou mais rápido do que imaginavam. Ainda bem. Explicou que Brenda precisava se sentar. Ia tomar anestesia raquidiana.

Sentou derramando mais sangue. Sentiu passar pela medula o líquido gelado da agulha fina. Se deitou. O médico, um homem jovem, segurava nas mãos uma espécie de tesoura e pedia

que a menina se preparasse. Iam começar logo.

O enfermeiro permanecia ao lado de Brenda. Tinha ajudado na posição correta porque a menina não conseguia se mexer, mas era por causa da dor. Não por causa da anestesia. Aqueles olhos esbugalhados sentiram a mais aguda das dores. Brenda gritou. Ninguém entendeu nada.

Brenda ainda sentia tudo. O médico pediu que levantasse um pouco a perna. Queria ver quanto a anestesia tinha pegado. Nada. Brenda levantou as duas pernas ao mesmo tempo. Tão alto que viu o teto encardido. Ficaram espantados. Era um corpo muito resistente.

Não só a remédios. Às dores da vida também. Há muito tempo não viam aquilo na maternidade, mas anestesiaram novamente. Outra ponta gelada sobre a coluna. A menina ainda sentia tudo. Deitou devagar mais uma vez e com medo. Iam tentar novamente.

Outro grito. Agora, mais alto. Não tinham o que fazer. O médico seguiu sem anestesia. Parecia sugar os restos do feto. Brenda ouvia o barulho do sangue caindo. Gritou até perder a voz. Não tinha mais forças. Não aguentava mais. Seus olhos inchavam de carregar água. O médico não gostou da reação.

**VOCÊ NEM TÁ SENTINDO NADA...**

**NÃO TEM COMO A ANESTESIA NÃO PEGAR DUAS VEZES.**

Brenda mexeu as pernas. Queria dizer que ainda estava ali, mas não teve retorno. O enfermeiro pedia que fosse forte. Mas não queria mais ser forte. Tinha se cansado. Precisava reclamar. Suspirava. Ouvia os coágulos. Sentiu a anestesia chegar. Seu corpo parecia adormecer.

Sentia só as mexidas em seu ventre. Foram duas sob efeito anestésico. E acabou. Tinha feito o procedimento quase inteiro sem anestesia. Avisaram que tinham coletado material para análise e, depois de um mês, Brenda precisava voltar para pegar os resultados. Chorava ainda mais. Não ia, mas balançou a



cabeça que sim.

Tentava se mexer e não conseguia. Foi levada para o pós-cirúrgico. Passou por outros largos corredores. Atravessou mais portas. Chegou à sala vazia, não havia ninguém. Ficou sozinha e sentindo frio. De um lado, equipamentos mediam seus batimentos. De outro, fios carregavam soro.

Ouviu a voz de um enfermeiro e pediu um cobertor. De repente, uma mulher chegou à mesma sala. Queria parto normal, mas tinha sido cesárea.

### **OS MÉDICOS SABEM O QUE É MELHOR, NÉ?**

Tinha olhos de apenas dezesseis anos e já era mãe de dois filhos. O pai do recém-nascido estava preso há dois meses.

Brenda ouvia. Balançava a cabeça porque não conseguia dizer nada, mais. Pouco depois, chegou à sala a prima de Brenda que, por sorte, não a reconheceu. Era esposa de seu primo, mas não eram próximos. Brenda virou o rosto de lado. Cochilou. Acordou quando não tinha mais ninguém na sala. Só ela mais uma vez.

Ainda não conseguia se mexer. Mesmo assim, foi para o quarto. Era final de turno e os enfermeiros queriam descansar. Foi arrastada da maca para a cama. Depois de poucos minutos, Brenda queria ir ao banheiro. Não sabia se estava de fraldas porque não as sentia. Suas companheiras de quarto dormiam um sono cansado, não podia perguntar.

A menina se jogou no chão. Sequer pensou em apoiar as mãos sobre as pernas e assim perceber as fraldas. Não conseguia pensar em nada. Se arrastou com as mãos até o banheiro. Chegou com dores no corpo. Não conseguia sentar porque as pernas não mexiam. Olhou para a camisola que se abriu no trajeto. Viu aquela fralda enorme. Se arrastou de volta para perto da cama. Dormiu ali mesmo. No chão.

Quando sentiu pouco as pernas, levantou uma delas. Colocou sobre a cama. De braços, empurrou o resto do corpo.

Esperou amanhecer. Sentiu ainda mais dores no útero porque não podia fazer força. Mas disse estar bem na consulta pela manhã porque, do contrário, não seria liberada naquele dia.

Mas não suportava ficar ali. Pediu encarecidamente para ir para casa. Explicou que não tinha roupas. Ninguém sabia onde estavam. Não ficou com o celular. Não teve internação antes da cirurgia como suas colegas tiveram. Sangrava tanto que foi direto para a curetagem.

Não sabia se Rafael ia na visita porque não tinham anotado o número dele e tinham informado errado o horário. Viu sua ficha. Desesperada, precisava de roupas e ligou para sua mãe porque só sabia o número dela de cor. Pegou o celular da colega emprestado. Teve de admitir a gravidez. E o fim dela. Ouviu o inconformismo e a ligação desligada em sua cara.

As visitas chegaram. Menos a sua. Rafael não estava lá. Brenda começou a chorar quando viu as mulheres acompanhadas. Se virou para a parede branca e cochilou. Acordou com o companheiro chegando com roupas nas mãos e lágrimas nos olhos. Se abraçaram. Sentiram juntos aquela dor. Foram interrompidos pela médica declarando alta para Brenda.

A menina tomou um banho. Aquele banheiro era gelado. Tinha fraldas por todos os lados. Mal se mantinha em pé e sentia seu útero fechado. Sua bexiga também. Demorou para urinar. Saiu do banho. Se despediu. Pegou resultado de exames. Foi embora amparada por Rafael. Jamais esqueceria.

Acorda na quebrada  
A corda que envolve os pulsos  
A cor da desesperada  
Acordes se ouvem aos fundos

Rafael nunca esqueceu as dores das grades. Antes do julgamento, ficou no centro de detenção provisória, a pior parte e mais esquecida. É também onde ficam inocentes que só descobrem a inocência depois e nem pensam em processar o estado.

Ir para a rua já é um milagre, mesmo sem ser culpado. Palavra de preto e pobre só vale na batalha dos vadios. Na cadeia, não é nada.

No chão de reboco tinha nove jegas ou burras. É como chamam cama. Nove pessoas deitavam sobre elas. O resto, dormia no chão sobre os colchões úmidos e mofados. Eram trinta pessoas onde cabiam dez. Na cela de Rafael, banheiro era por ordem de chegada. Chuveiro e burra era por tempo de cadeia. Mais velhos de pena tinham preferência.

Se não fosse pela família, Rafael seria descabelado. Sofreu, mas entendeu o abandono. Quando seu irmão não o visitava, faltava até sabonete. Os produtos de higiene, a família leva para o preso ou o preso troca por trabalho com outros presos. A cadeia vive um sistema de escambo.

Lavavam as roupas no chuveiro com aquela água gelada. A água que bebiam, saía da torneira e era cloro puro. Não tinha piso no chão onde pisavam, só tinha buraco onde moravam os percevejos. Rafael ficou semanas sem ir ao banheiro por causa da comida, até desenvolveu um abscesso. Cadeia prende mais que pretos e pobres. Prende até o intestino.

Nas grades, caneta vira arma. Escova de dente vira arma. Fio de eletricidade vira arma.

### **POR ISSO, A MELHOR COISA DO SISTEMA PENITENCIÁRIO É O PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL.**

Foi o comando que tornou as visitas mais humanas: antes, presos tinham parentes ridicularizados. Também foi o comando que proibiu os estupros: antes presos eram vendidos pelos agentes assim que chegavam às grades.

Rafael saiu do centro de detenção provisória depois de seis meses e foi para o sistema. No semiaberto, abriu os olhos da fé. Já ia sair quando pediram que fizesse um corre. Os olhos esper-tos eram responsáveis pela boia, a comida. Subia para buscar as cumbucas cheias, entregava, levava de volta as vazias.

Ia levar cinco gramas de maconha no castigo, onde fica quem cometeu contravenções ou irregularidades. Nunca tinha levado droga, só pipa: bilhete. As pipas avisavam quando a visita de alguém vinha. Mesmo assim, Rafael aceitou: nunca deu nada. Mas o agente penitenciário chegou mais cedo naquele dia e encaminhou Rafael para a boia. Nem deu tempo de pegar a caminhada. Ainda bem. Subiu.

O agente mandou Rafael ir para o banheiro antes que pegasse a comida. Ia ser revistado, sem mais nem menos. Felizmente não tinha nada. Se tivesse, era mais um ano de cadeia, no mínimo. Pelo jeito, mandaram ele subir e avisaram o detenção que ele carregava droga. Detenção era o pior agente de todos: sentia prazer em maltratar. Se achasse alguma coisa, chamaria o grupo de intervenção rápida, o GIR.

Jogavam bombas ou água com sabão. Tinham que correr. Se escorregassem, apanhavam. Tinham que sair de cueca no pátio, onde todos eram revistados, um a um. Tiravam as cuecas. Agachavam três vezes. Levantavam órgãos genitais. Levantavam a língua. Não tinha conversa.

### **NESSE DIA ARMARAM PRA MIM E DEUS ME JUSTIFICOU.**

O último dia de Rafael foi marcado por carinho. Por onde passava, era amado. Todo mundo vivia bravo, mas o menino sorria e fazia sorrir o tempo todo. Ganhou o coração do presídio. Agora queria os palcos. Um olho na grade e um olho no sonho. Já sabia que ia sair porque tinha recebido uma mensagem da namorada em seu celular.

Rafael não merecia passar por aquilo. Os colegas de cela e raio viviam dizendo que nem tinha cara de traficante. Parecia lagarto, como chamam quem é entregue no lugar dos outros ou assume pelos outros. Rafael não conta nada sobre aquele dia, além do carinho. Não lembra se pegou as roupas, de quem se despediu, se os olhos encheram de água. Só lembra do seu irmão esperando lá fora. Dizendo vambora.

Não sabia que sua vida mudaria pouco. Ia seguir com as drogas. A condenação de 5 anos foi reduzida para 1 e 8 meses porque nunca teve problemas. Estudava, trabalhava e era réu confesso. Recebeu um ano em pena-multa, que é paga em dinheiro após cumprimento da pena privativa de liberdade. O valor somava 5 mil reais.

Rafael não tinha todo aquele dinheiro à vista. Deixou de ser cidadão. Não podia tirar título de eleitor, nem carteira de trabalho e não conseguia trabalhos formais. Voltou para o tráfico. Só de maconha, da boa. Não queria mais trabalhar com pó. E só vendia o suficiente para subir nos palcos.



O rijo chicote arde	O rijo ritmo arde
Na pele da cor da noite	Na voz da cor da noite
O mito da liberdade	A busca pela liberdade
Fere quanto a foice e o açoite	Repudia a foice e o açoite
O sangue que inunda o gueto	O verso que inunda o gueto
Do luto de cada mucama	Do luto de cada cria
Não é vermelho, é preto	Não é branco, é preto
É a solidão de quem se ama	Luto é filosofia
Pela cor, caminha sórdida	Pela cor, caminha breve
A morte dessa quebrada	A minha poesia
A fuga que anda mórbida	Cada palavra que profiro
Não pode acabar com nada	Justiça não se adia
Na mísera porta aberta	Na porta que hoje abre
Por onde o filho vai	Que canta em cada retiro
Que da mãe ainda mama	À margem que hoje cabe
Cada lágrima que cai	Projete a flor,
Que testemunha cada dia	Projete a cor,
O beijo que dá quando sai	Projete o amor
Que molha a secura preta	Não projete o tiro
Da mãe que hoje... Ai	
Ai. Ai. Ai. Ai. Ainda	
Ainda que doa o peito	
Ainda que sofra o gueto	
Ainda ao que me remeto	
Ainda que seja eleito	
Ainda que aponte o defeito	
Ainda que mude o efeito	
Ainda há preconceito	
Ainda há choro no leito	
Ainda há morte de preto	

Rafael punha a balança no chão, daquelas que cabem até no bolso. Abria um papel plástico e deixava na cama. Sobre a balança, um copo de plástico alinhado para caber por cima dele uma bandeja. Em cima dela, os gramas de maconha boa, daquelas que se sente o cheiro de longe.

Pedaços e mais pedaços até atingir o peso pedido. Sobre a bandeja, a palavra fortuna. Rafael esfregava as mãos, uma na outra, enquanto o cheiro subia até mesmo depois de guardar o produto. Suspirava. Cortava à mão. Sem jeito. Deixava a borda toda torta. Colocava sobre a bandeja. Era um processo: terminava um, começava outro.

Seguia etapas com aquelas mãos espertas acompanhadas pelos olhos ligeiros. Faziam isso há anos e apreciavam o que seguravam. Rafael repetia o processo. Despedaça. Bandeja. Plástico. Despedaça. Bandeja. Plástico. Parecia ter acabado, mas faltava enrolar ainda. Fechava o pote, guardava na gaveta. Aquela leva tinha acabado.

Era muito organizado. Colocava a bandeja sobre um apoio de madeira, no cantinho do quarto de tons terrosos, até o verde em homenagem ao time do coração. Mais um suspiro. Passava as mãos sobre as pernas, uma de cada vez. Pegou o celular, cruzou as pernas, balançou. Vestiu calças cinzas com estampa de soldado e saiu com uma sacola amarela nas mãos. Disse que voltava logo.

Voltou em quatro minutos, animado.

**TEM UM CARRO LÁ EMBAIXO VENDENDO CINCO CAIXAS DE MORANGO POR 10 REAIS, MEU!**

Pegou a nota de 10 na gaveta. Correu. O vermelho ali era só

do suco, não mais do sangue. Estava perto do fim. Aliás, perto do começo. Mas o cheiro da maconha continuava a subir, a que vendia e a que tragava.

Paola também queria recomeçar. Depois de saber que sua primeira namorada estava na Cracolândia, decidiu parar. Foi atrás da menina, com quem cheirou pela primeira vez e soube que o antigo amor tinha se entregado ao crack. Sentiu o corpo arrepiar. Era doloroso caminhar sobre aquelas ruas fétidas, ver os pés manchados e os olhos escuros dos viciados, assim como ela mesma era. Não pode permanecer muito tempo na busca. Voltou para casa, com medo de ser aquele o seu futuro. Não tinha sonhos, mas não queria ver sua mãe chorar.

Paola chorou até soluçar. Mexeu os braços inquietos. Não quis comer aquele dia, assim como não queria nos outros. Mas também não quis mais cheirar. Foi numa consulta psiquiátrica, finalmente, onde foi medicada com antidepressivo e remédios para dormir. Se assustava com as reações às novas drogas. Não queria mais sangrar.

Seu corpo suave a abstinência dia após dia. Às vezes, não sentia nada. Outras, sentia tudo de uma vez. Via seu corpo pedir droga diariamente. Queria ser forte e aguentar tudo sozinha, sem expor suas dores e aflições. Pela primeira vez, queria ser útil a si mesma. Sem a droga que mata. Só com a droga da vida.

Era difícil assumir isso. Tinha se machucado durante anos. Tinha sido machucada durante outros anos. Sua força vinha do nome fictício que usava sob efeito das drogas. Mas agora queria tornar o vício, pó. Estava há semanas sem a droga e, no fundo, sentia orgulho de si mesma. Pensava até em molhar os pés na praia, qualquer dia, lugar que sempre repudiou mesmo sabendo nadar. Queria sobreviver. E não conseguia dizer nada disso com aquele sorriso consertado. Só escrever. Talvez tenha escrito que pouco tempo depois não suportou a abstinência. Voltou a cheirar.

Brenda precisava escrever. De todas as angústias, tinha so-



brado poesia em cada uma delas. O suficiente para fazer com que se formasse na faculdade de jornalismo. Era seu primeiro sonho prestes a se realizar. Depois de horas de palco no ônibus, onde o calor a moldou poeta.

O útero ainda doía de vez em quando. Às vezes, vomitava sangue sem saber a razão. Mas era toda coração, então a razão das coisas não importava tanto. O homem que a estuprou devia ter morrido já. O pânico que sentia, no entanto, era vivo.

Encomendava citotec toda semana. Não para si mesma. Para quem não queria parir tristeza. O nome que lembrava amor tinha se salvado por amor próprio e esperava que outras mulheres também conseguissem. Continuava ameaçada de morte em sua cidade.

Na mesma cidade, perto do calçadão, agora só restava o brilho da lua e o alto das árvores. Não tinha mais batalha. A Guarda Civil invadiu a música e pausou a rima com bombas de gás lacrimogêneo nas mãos e armas de fogo na cintura. Não sobram os tragos no ar, nem a amargura das cervejas. As palavras foram jogadas ao vento. Ainda bem: deu tempo de guardá-las no bolso. A ágora dos vadios tinha sangrado de verdade. E, como todo sangue, secou.





Ano: 2018  
Texto: Amanda Stephanie  
Orientação: Prof. Dr. Carlos Eduardo Sandano  
Ilustração: William Muniz e Miguel Jacoput  
Diagramação: Amanda Stephanie  
Revisão: Priscila Dourado

---

Este Trabalho de Conclusão de Curso  
não reflete a opinião da UNIVERSIDADE  
PRESBITERIANA MACKENZIE.  
Seu conteúdo e abordagem são de total  
responsabilidade de sua autora.